



BANSHEE

FRANCESCO PROCAT



BANSHEe

Francesco Procat

Conteúdo

[PREFÁCIO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[O AUTOR](#)

[CONTATO](#)

PREFÁCIO

Banshee foi minha primeira experiência com o gênero *horror*, lá em 2015 quando idealizei essa história pela primeira vez. Ela surgiu de conversas com minha melhor amiga, Amanda, que tem muito a ver com isso tudo, sobre o que faltava nos livros que estávamos lendo. Naquela época, passávamos a maior parte dos intervalos do primeiro ano do ensino médio na biblioteca da escola, e era nosso lugar de paz.

Foi durante esse período que conhecemos a Stephanie e a Amanda, que também foram importantes para essa história se desenvolver. Stephanie doou seu nome — ou quase — a uma personagem, que também foi baseada em seu estilo em geral.

Tudo isso para dizer que a minha maior surpresa ao revisar esse texto em 2019 foi o quanto ele me era familiar, o quanto ele me levou de volta àqueles dias, àqueles músicas. Eu tentei reescrever tudo, mas a nova versão pareceu se perder nesse meio-tempo, então optei por recuperar a antiga, com muito a crescer e aprender. Se não fosse assim, essa história teria apenas um parágrafo. A velha mania de recomeçar tantas vezes que me esqueço de andar para frente.

Essa história é sim a trama de Ricardo e Ester e seu acampamento misterioso e sua *banshee*, mas também é a história de um jovem que sonhava em escrever, e amava terror e filmes *slasher* e imaginou uma forma de ler o que queria mas não encontrava — fazendo ele mesmo as próprias histórias. Esse é o primeiro livro que me lembro de tentar escrever. E os que vieram depois acabaram tomando sua frente, por serem mais maduros e interessantes, mas nunca mais honestos.

Obrigado, Ricardo — quem um dia foi um Richard americanizado — por me ensinar que podemos todos sonhar e que quando não encontramos algo no mundo somos livres para criar.

CAPÍTULO 1

Ricardo nunca fora amante da natureza, e sequer gostava de acampamentos, com seus mosquitos imunes aos mais fedidos repelentes, sua solidão inquieta e seu silêncio interrompido pelos barulhos de dentro da mata — uma coleção de ruídos desconhecidos que compunham uma orquestra sinistra que ameaçava a ridícula proteção do tecido das barracas. Costumava levar um livro e um *walkman* e ouvir música no volume mais alto, tentando abafar os barulhos de nada e tudo que invadiam sua mente. Mas nunca conseguira silenciar a imaginação. Ainda que o coração palpitante, a respiração rápida e as pupilas dilatadas fossem sinal de que não devia adentrar à mata escura, sempre tivera vontade de explorar todos os cantos daquele universo, daquela riqueza com cheiro de terra molhada.

Mas sempre dava a meia-volta e retornava ao conforto de sua covardia, preferindo os abismos da imaginação — aqueles malditos ruídos — à certeza do *diferente*, que misturava grotesco e exuberante.

Era essa coragem que separava os desbravadores dos pobres povos que esperavam o navio retornar ao porto com histórias do novo mundo, e se saciavam dos relatos como quem bebe água após dias em um deserto, sugando cada gota de informação para compor os mais belos cenários no palácio quieto de sua mente. E seus corações nunca bateriam com a velocidade de um ritmo de samba, e nunca respirariam tão fundo que sentiriam doer a caixa torácica, ou sentiriam o sangue ferver conforme era jogado e rebatido por todo seu sistema, com o medo, o mais puro e sincero *pavor*.

Ele havia entrado naquele ônibus em busca desse pavor, de algo tão perturbador que tirasse seu sono, mas construísse na insônia um novo ser. Por hora, não se arrependia dos seus delitos. Tudo nos é nossa história, o podre e o nobre. Tudo que detemos é nosso passado, enquanto nosso futuro é um mistério irrespondível, além da compreensão humana.

E o homem não aceita o fato de haver algo além da sua compreensão, e então finge dominar o futuro com ares de soberba. Prevê o clima da semana seguinte, calcula chances de um tornado. Tenta não ser surpreendido pelo que chama de *acaso* para não admitir que o que não aconteceu não lhe pertence, e

nada lhe pertence realmente, porque nada *acontece*. A própria noção do presente é o que outrora era futuro se tornando passado. O presente é meramente a ponte entre o incompreensível e o pertencimento.

Por hora não se arrependia porque o que fizera para ser obrigado a entrar naquele ônibus fora um ato de pura frieza e violência. Precisava se embrenhar naquela viagem, como se uma voz o chamasse do longe, e ele respondesse ao chamado como quem fecha os olhos e se deixa ser carregado por Morfeu. Ainda sentia o suave ceder do rosto de uma professora por sob os nós dos seus dedos. Julgaram-no como louco, e talvez não estivessem errados. Ele só estava cansado de tudo, de todos e dele próprio, e precisava de algo que rompesse. Rompesse sua rotina, sua noção de si mesmo, seu futuro.

A melhor coisa a se fazer a respeito de um ato horrendo é mandar seu praticante para longe, em uma tentativa humanitária de conectá-lo consigo mesmo, em uma semana na Floresta Amazônica. Mas ele tinha planos melhores que sentar em círculo e contar histórias de folclore. Não admitiu de início que tudo que fizera fora uma tentativa de se afastar de seu dia a dia por uma semana — e talvez outros socos e atos de desespero o conseguissem mais tempo. Pensou no que teria que fazer para que o arrastassem para um sanatório e o deixassem à míngua, na sua própria companhia. Talvez escolher a solidão dos seus pensamentos fosse um conforto maior do que o silêncio de um suicídio. Mas ambos soavam igualmente pacíficos em vista de sua família.

No fundo, culpava-se. Por ser covarde o suficiente para precisar socar alguém e se fingir de lunático para poder se afastar. Culpava-se de não ter a coragem de levantar, jogar suas coisas numa mala e ir embora. Tinha medo dos barulhos da noite e do desconhecido, mas seu medo maior eram os seres humanos.

A viagem já durava horas floresta adentro, e sentia falta de seu *walkman*, sem o qual não conseguia bloquear o burburinho dos outros jovens que só era interrompido pelos progressivamente mais frequentes solavancos do veículo. Preferiu a companhia do melancólico vidro da janela.

Nas primeiras horas, eram os campos nos arredores de sua cidade que conectavam o concreto quente da metrópole ao bucólico das áreas ao redor. Mas horas mais tarde tudo era verde no topo de troncos altos, e a mata se fechava entalhada pela trilha que percorriam conforme o silêncio enervante da floresta tomava conta dos ânimos. Logo o cantar das cigarras era mais audível que as brincadeiras do fundo do ônibus.

O barulho dos pneus contra a estrada de terra era um convite a dormir. Ele não queria ceder, não queria que as horas passassem mais rápido. Queria ver surgir os barulhos da mata, queria ver os animais fugindo desesperados dos faróis que invadiam seu habitat.

E conforme a estrada ficava mais e mais irregular, podia ouvir do banco de trás o barulho das malas de caça preparadas pelo professor. O estalido dos metais era convidativo, e podia quase sentir o cheiro de ferrugem e sangue das foices e facas.

O ônibus parou abruptamente conforme os últimos raios de sol despediam-se, dando lugar ao crepúsculo. O local que demarcava o fim da estrada de terra era cercado por uma extensa cerca de arames farpados que deveriam apenas servir para marcar, já que seus 3 fios eram baixos o suficiente para serem pulados e seu primeiro era alto o suficiente para se passar por baixo. Adentrariam a área de reserva natural do governo, onde nenhum madeireiro poderia tocar. Uma das inúmeras espalhadas pela floresta.

Descarregaram seus pertences em um completo silêncio. Deveriam ir a pé, não havia mais como o ônibus se esgueirar por entre as árvores, já que a mata ficaria densa demais. Seguiram o caminho carregando suas mochilas e cobertores.

As grandes árvores estendiam-se em direção ao céu, em alguns pontos formando um entrelaçado de galhos que projetava sombras intrigantes no solo sob o que restava dos raios de sol, enquanto em outros pontos as árvores eram como grandes espinhos ramificados cravados com maestria no chão.

Não demorou muito para que a noite começasse a cair. O grupo agora caminhava seguindo o curso do riacho, sob a proteção da mata ciliar. De longe, o riacho parecera maior. Olhando de perto, Ricardo podia sentir a calma que provinha das águas escuras. Escuras como um reflexo da noite que sobre eles se estendia como um manto.

Embora eles fossem sobreviver por uma semana de caça e pesca, ninguém avistara nenhum animal. Talvez a presença dos humanos houvesse espantado a fauna selvagem que com toda a certeza se embrenhava por entre os galhos mais baixos e arbustos mais densos.

Mas ele notara a presença dos peixes, que perturbavam a superfície da água com sua dança de fora do alcance dos olhos curiosos. Por um instante, imaginou que outra criatura pudesse causar a mesma turbulência. O cansaço certamente estava fazendo com que ele sonhasse acordado. Eram peixes,

apenas peixes.

Após longos minutos de incessante caminhada, finalmente avistaram um veado, majestosamente escondido entre as árvores mais baixas e frutíferas. A visão daquele animal que temia o desconhecido lembrou Ricardo de quando foi visitar o pomar do avô em sua propriedade. Lembrou-se ter odiado aquele dia ensolarado e quente, quando passou a tarde correndo atrás de um coelho silvestre com seu primo.

O pequeno animal fez de tudo para escapar, mas algo estava errado com seu correr, como se tivesse machucado uma das patas no processo.

Ele fugiu como pode, trôpego, tentando ficar a uma considerável distância de seus frios caçadores. Algo deu errado. Talvez um espinho em seu caminho. Um espinho, dor. E logo seu sangue derramado pela verde grama do pomar. Em meio aos laranjais e macieiras, Ricardo jamais esquecera o olhar daquele doce animal de olhos vermelhos. Era um olhar alerta, assustado. Mesmo após a morte, não viu paz naqueles olhos.

O pior era saber que Denis o caçara apenas por diversão, para ver seu sangue derramado, seu pequeno corpo imóvel, para ver o calor deixá-lo. O que é a vida senão calor? Um calor incompreendido, uma chama solitária que carrega consigo o peso de continuar a existir, mesmo lutando contra incessantes ventos, que ameaçam sua fraca estabilidade. Ventanias amargas e frias. Uma delas trazida ao coelho pela velha espingarda do vovô Alberto. Que o privara de seu maior bem. Do calor que mantinha aqueles olhos afastados do frio e gélido abraço da eternidade.

Agora eles caminhavam por uma clareira, sobre um magnífico tapete verde, um incrível gramado mantido pela natureza. Estavam se aproximando da cabana.

A lua, em seu quarto crescente, brilhava no céu, e a noite os abraçava.

— Pessoal, — falou Lúcio, sua voz soando rouca por tê-la usado pouquíssimo desde que embarcaram no ônibus. Ele parou e virou para falar com todos. — Estamos um pouco atrasados, então peguem suas lanternas.

Ouviu-se um farfalhar de roupas e aquele característico ruído de abertura de zíperes, enquanto procuravam pela lanterna que fora requisitada antes de partirem da cidade.

Após alguns cliques, os jovens já haviam recomeçado a caminhada, ainda sem dizer palavra. O silêncio que se instaurara era amargo e imponente, e ninguém ousava quebrá-lo porque qualquer coisa que dissessem se perderia nos ares como uma conversa sobre o clima. E no silêncio, eles estavam

sozinhos consigo mesmos.

Depois do que parecer uma eternidade de um silêncio apenas quebrado por suspiros cansados, galhos sendo retirados do caminho ou partidos por pisadas fortes, avistaram, erguendo-se discretamente do que parecia uma depressão negra no meio do campo, a pequena cabana de madeira.

E o que ele achava que emanaria uma aura de abandono, surpreendia pela sensação de presença.

Era, sem dúvida, a cabana pela qual procuravam. Sem energia elétrica, era apenas um borão marrom, um amontoado organizado de tábuas apodrecendo, resistindo às intempéries. A aparência não era de um local abandonado em meio a uma reserva florestal, mas de uma casa de praia. Ele podia jurar que alguém estivera ali nas últimas semanas, embora soubesse que a última vez que a cabana fora visitada tinha sido há mais de dois anos.

Silenciosamente, encaminharam-se para a entrada, seguindo o professor.

A fechadura de metal estalava a medida que era aberta, como se fosse a primeira vez que tivera contato com uma chave. A porta era de uma madeira pesada, da cor de tabaco, com uma fechadura dourada que fez com que Ricardo se lembrasse de algum filme sobre a era vitoriana. As lanternas ainda estavam iluminando o chão abaixo das mãos que as seguravam.

Lúcio abriu a porta lentamente, e foi surpreendido por uma baforada do cheiro intenso de mofo e umidade. O breu interior do local era opressor, apavorante. Mas as lanternas resolveram boa parte.

Todos entraram guiados pelo cansaço, sequer olhando para trás.

O assoalho de dentro da cabana era de uma madeira grossa e mal encaixada, que conforme pisada, a cada passo desenhando os pés sobre a poeira. O ambiente era amplo e emanava um calor paradoxal, que o fazia ter a impressão de vida.

— Bobeira, — pensou, enquanto largava sua mochila em cima de uma velha cadeira estofada. — Não há ninguém aqui exceto nós.

Sequer houve tempo para acomodações, para questionamentos ou reclamações. Lúcio sequer daria tempo para conversas. Estava exausto, sentia suas pernas queimarem agora que estava parado. Acendeu um velho lampião que trouxera na mochila, desligou a lanterna e começou a reunir os finos colchões e os cobertores que cada um trouxera amarrados às mochilas. Fazia um estranho frio na floresta tropical.

Os minutos que se sucederam foram sufocantes, pois neles só ouvia-se o silêncio. Longos minutos de olhares desviados, pequenos murmúros, sorrisos

educados.

— Vamos! — Disse o professor, batendo as mãos para chamar a atenção do grupo. — Peguem um colchão neste cômodo e vamos nos ajeitar. — Ele apontava para um quarto totalmente escuro.

Ricardo o seguiu.

Após alguns segundos, sua busca tátil pelos colchões foi facilitada com a presença dos outros jovens. O professor bocejava, denunciando seu cansaço físico.

Ricardo nunca vira Lúcio como o melhor professor do mundo. Sempre o achava presunçoso e egoísta, já que estava sempre tentando ser o centro das atenções. Por suas gracinhas e risos simpáticos, incrivelmente era. Mas Ricardo quase conseguia o imaginar travando uma luta mental para decidir o que surtiria maior efeito aprovativo, qual seria a piada que mais faria rostos se contorcerem em risos, congratulando-o silenciosamente.

E ele abominava esse tipo de atitude, a involuntária hipocrisia que trazia à tona uma personalidade moldada de acordo com aquilo que a situação demandava. Uma pessoa encomendada pelo subconsciente faminto por um pouco a mais de atenção, um sorriso a mais. Uma personalidade de plástico, facilmente derretida no calor da solidão e do descaso. Eram quase todos assim.

A sala onde estavam dispostas as camas improvisadas era vasta e espaçosa, com cantos escuros onde agora eram projetadas sombras esticadas e deformadas, produto da irregularidade na distribuição da fraca luz do lampião.

Apenas um canto em especial chamou a atenção de Ricardo, enquanto se retirava da mesa dos objetos e procurava, na sua mochila, a muda de roupa mais confortável. Uma janela de vidro para o pomar, o qual se situava imediatamente após a cabana. Milagrosamente, daquele ângulo, Ricardo podia ver as sombras de fora, pois a luz banhava a janela em seu brilho. Era um ponto afastado das camas, sobre onde agora se postavam os já vestidos, e de onde saíam os outros portando suas roupas para trocarem em outra sala, longe dos olhares alheios, longe da vergonha que sentiam daqueles desconhecidos.

Mas ele, segurando nos braços suas roupas de um fino algodão, que julgara próprias para o clima daquele local, pôs-se a caminhar rumo à intrigante visão da janela.

Ele podia ver as sombras de fora.

Não eram sombras que chamaram sua atenção.

Foi uma sombra abstrata, que de onde olhou o lembrou a silhueta de um adulto.

— Longo dia amanhã, — disse Lúcio. E Ricardo podia imaginá-lo sorrindo e se espreguiçando, por sua voz estar distorcida. — É melhor dormir.

Múrmuros de aprovação encheram o local, e o farfalhar de roupas e cobertores pereceu dar vida à noite iluminada pela luz do lampião.

A sombra de Ricardo agora era projetada na janela. Mas ele ainda seguia aquela do lado de fora.

Ele ouviu um fraco som de tosse vindo de trás. Contínuo, mas não ligou. Ele estava próximo à sombra.

Parou a centímetros da janela, tentando identificar a forma que se postava embaixo da árvore que acompanhava a parede externa da cabana, com seus imponentes galhos acrescentando um misterioso tom à visão de fora da janela. Mas ele estava olhando para aquela forma que agora supunha ser feminina, pela protuberância que desenhava o local onde se postaria uma cabeça. Era uma silhueta, ele tinha a certeza.

Restava saber de quem.

Ouviu uma agitação de onde estavam os outros jovens, mas agora ele estava tão perto...

Ele parecia conhecer aquela sombra, ao mesmo tempo em que instigava se seria alguém ou apenas uma ilusão. Parecia tanto ser um alguém.

Ele levantou sua mão direita e aproximou vagarosamente ao vidro da janela. Para sua surpresa, a sombra fez o mesmo, levantou algo que o lembrava de uma mão, e à medida que se aproximava do ponto no vidro onde a sua tocaria, tornava-se mais nítido. Era, de fato, uma mão.

Ricardo sequer pensou no quão ignorante fora sua atitude, já que ninguém do grupo ficara para fora. E ninguém morava na reserva ou nos arredores. A primeira vila situava-se a mais de 3 horas de carro dali. Seria um animal? Mas era uma silhueta tão humana que o apavorava.

Sequer questionava-se agora, pois ambas as mãos estavam a milímetros de se tocarem, separados pela fina camada de vidro. Mas, quando tocou na fria superfície lisa da janela, a sombra fez algo inesperado. Ricardo ouviu um grito estridente, vindo de fora, que ecoou em sua cabeça, levando-o a gritar junto. Socou o vidro, mas a sombra já não estava mais lá. Sentiu o sangue quente banhar-lhe a mão, e ouviu mais um grito. Ele se virou rapidamente.

Lúcio caíra no chão ao lado de seu colchão. E o lampião se apagou, quebrado, deixando-os no breu, com o silêncio rasgado pelos gritos de várias vozes agudas. E uma imagem ficou na cabeça dele, como se tatuada em sua retina. Era sangue. Em sua mão. Saindo da boca aberta do professor, ao cair com um baque surdo no assoalho.

Em um suspiro abafado, o cômodo ficou quieto. A única luz provinha da janela, um fraco brilho lunar, bloqueado pela presença de Ricardo.

Demorou alguns instantes para que uma lanterna se acendesse, finalmente. Duas garotas pularam sobre o corpo de Lúcio, com gritinhos agudos e incômodos, resultado do desespero.

Na hora do pânico, não sabemos o que fazer, e respondemos ao ímpeto de fazer algo, qualquer coisa que seja, por mais vã e inútil e irracional.

— Sente o pulso, — gritou alguém. Ricardo notou que quem falara era o portador da lanterna. Aproveitou o momento de distração dos outros para procurar pela sombra na janela. Ele se virou e tentou distinguir alguma forma no breu do outro lado, mas tudo o que conseguia ver da escuridão opressora era o contorno do tronco da árvore. Repousou a mão no local onde o vidro se partira. Apertou a mão na superfície cortante e sentiu o fio penetrar em sua carne, ardente e impiedoso. Mas não cedeu a pressão à medida que forçava a sua visão para o lado de fora.

Só conseguia ver a negritude da noite a encarar de volta. Apertou ainda mais, sentindo o sangue escorrer por seus dedos, desgraçando-se. Lágrimas saíram de seus olhos, mas eram lágrimas de pura raiva e frustração. Ele jurara que havia alguém ali.

Ouviu choro vindo do cômodo ao retornar a si. Tirou a mão do vidro e percebeu o quanto se cortara ao se aproximar da luz da lanterna. O sangue manchava seu antebraço em finos fios que lembravam o curso de um sinuoso riacho. O corte em sua mão era fundo e latejava. Ele sequer ligou.

— Morto! — Exclamavam, aos prantos. Mas Ricardo só conseguiu encarar o corpo no chão sob a fraca e falha luz das lanternas que agora se juntavam à primeira. E sons de choro o cercavam, fazendo-o pensar no quão sentimental uma vez fora. E no quão frio se tornara. Não apresentava qualquer empatia em relação à família provavelmente existente do cadáver, ou em relação aos seus colegas mais apegados. Somente conseguia pensar nas consequências que aquela morte traria a eles no retiro.

Alguns de seus companheiros ajoelhavam-se ao lado do morto, enquanto Ricardo permanecia parado no mesmo lugar, imóvel. E sentiu uma irracional

raiva de Lúcio. Fechou sua mão sangrenta em um punho, as gotas quentes caindo no assoalho. Quase pôde senti-las, como se estivessem pingando em si. Não quis estancar o sangramento, deixou fluir.

Achou estranho estar se ocupando com esses pensamentos enquanto olhava nos olhos frios de seu agora falecido professor. Mas apenas olhava, sem necessariamente ver. Coincidentemente, os olhos eram o ponto escolhido por si para se deixar divagar, sair da realidade.

E então, em um instante, os fatos bateram à sua mente, tudo o que aquilo significava. E ele parecia ser o único a perceber, a não deixar o sentimento sobrepor-se à razão. A morte de Lúcio não significava apenas a perda, mas a insegurança. Sete dias pela frente, se não conseguissem sair do retiro. Sete dias e um estoque limitado de provisões. Sete dias de caça e o prospecto de um ser desconhecido nos arredores.

— E agora? — Perguntou alguém a sua esquerda. E Ricardo sabia que havia mais naquela pergunta que um apenas "o que fazer?" Havia a perturbadora tarefa de livrarem-se do corpo. E de seguir em frente. A ideia da segunda era ainda mais amedrontadora do que apenas tocar em um cadáver. Mas muitos daqueles sequer entenderiam, eles não haviam visto o que ele vira. Somente Ricardo vira. Somente ele presenciara.

Somente ele.

Olhou em volta, naqueles rostos mal iluminados pela luz das lanternas. E ele viu desespero naqueles olhos. Medo. Mas não sabia qual dessas emoções ele mesmo demonstrava, se é que demonstrava alguma.

Sim, concluiu, certamente demonstrava. Ele pensou na vastidão da reserva. Era inimaginável. O único jeito era sobreviver.

Isolamento, silêncio, escuridão. E uma sombra que ameaçava o atormentar, não pela existência, mas por não ser concreta o suficiente para que descobrisse o que era. Talvez soubesse. No fundo de sua mente, pensava saber uma explicação para aquilo. Mas não conseguia se lembrar com clareza.

Ainda choravam. Ainda ajoelhavam-se ao redor do corpo, na tentativa inútil e involuntária de confortar. A eles mesmos, pois Lúcio estava longe da realidade, livre dos tormentos que agora assombravam a mente de Ricardo. Por um momento, desejou ir também.

E então, descobriu que não queria saber o que era aquela sombra. Todos os seus palpites eram ruins. E seu sangue ainda escorria da ferida latejante de sua mão, embora agora em intensidade menor. Muitas perguntas circulavam,

múrmuros que Ricardo voluntariamente não ouvia. Não queria saber o que pensavam, o que perguntavam. Sua única dúvida, fria e racional era mórbida e perturbadora. Não se repreendeu por pensar nisso. Se os outros pensassem como ele, talvez não estivessem apenas chorando lágrimas hipócritas. Hipócritas porque ninguém realmente sofreria aquela perda. Ninguém olharia para um cômodo vazio da casa esperando a presença dele. Ninguém teria de ver suas roupas penduradas, intocadas, imaginando o corpo quente que um dia elas envolveriam. Ninguém reconheceria em seus parentes traços daquele que sabiam nunca mais abraçar, nunca mais sentir, nunca mais tocar. Aquele que nunca mais existiria da mesma forma.

E ninguém levaria flores à sua lápide, em uma tentativa desperdiçada de estar em paz com a sua consciência. Pois estas flores devem ser levadas como uma lembrança, e em pouco tempo não seriam mais que uma obrigação.

Ele não deixou as lágrimas hipócritas encherem-lhe o olho. Pelo contrário, seus olhos exibiam a frieza honesta, sincera. Pois não valia a pena sujar o rosto com aquela ofensa a si mesmo, a seus princípios.

Sua dúvida não era "como prosseguir", "o que fazer". Sabia como iriam prosseguir, sabia o que fazer.

Sua dúvida era outra. E não hesitou em expô-la, na tentativa de ser apoiado por outra mente racional. Talvez alguém se perguntasse o mesmo.

— Será que temos uma pá?

CAPÍTULO 2

Caminhou até o galpão com as luzes da lanterna cortando o breu enervante, em passos rápidos. Ao seu lado, uma garota morena de sua estatura o acompanhava, sem dizer palavra. Ainda que um pouco afastado, não levaram cinco minutos para chegar.

Ricardo não pôde evitar procurar a janela com sua lanterna de mão. E a árvore que crescia ao lado, na esperança de ver o que quer que fosse a perturbar a normalidade da paisagem. Mas, aparentemente, nada mudara. O mato estava intocado onde minutos atrás estivera a aparição. Ou o que ele considerava ser uma aparição, pela rapidez com que se fez ausente, sem rastros. Ele sabia que algo havia estado ali. E agora considerava não querer saber o que era. Não era o único procurando ao redor por algo, e não estava disposto a responder qualquer pergunta, então focou no galpão. A garota usava roupa preta embaixo de uma camisa xadrez surrada, sobre a qual caíam longas mechas de cabelo ondulado cuja cor fundia-se com o escuro da noite.

A grande e pesada porta do anexo era de uma madeira rústica e mal lixada, com suas farpas expostas. As duas metades da grande moldura escura e empoeirada eram seguradas fechadas por uma corrente de um pesado metal, porcamemente encaixada em buracos malfeitos na madeira.

O local era extremamente empoeirado e fedia a carniça. Gerações de animais deviam ter encontrado seus fins nos seus arredores, e agora seus corpos eram resguardados pela imperturbável paz daqueles que se foram.

Procurava em todos os cantos com a luz de sua lanterna, enquanto a garota se dedicava à procura nas proximidades. O galpão parecia mais um grande museu de artefatos antigos do que um armazém de ferramentas, uma vez que os materiais lá dispostos apresentavam grande semelhança aos instrumentos das civilizações antigas.

Ele não procurava apenas por uma pá. Ele procurava em todos os cantos algum sinal daquela aparição. Algo que denunciasse sua presença. Ou sua ausência.

Enquanto vasculhavam as paredes, a garota esbarrou em uma enorme estaca de ferro pendurada em uma corrente enferrujada. Com um estalo irritante, a corrente se rompeu, e ela, confusa, tropeçou por sobre um vaso de

barro e caiu no chão, amortecida pela dolorosa presença de mais artefatos artesanais. A estaca chocou-se com assustadora violência contra o chão ao lado da cabeça dela, fazendo com que um sopro de poeira fosse lançado contra o seu rosto. Respirava ofegante, mas não conteve um suspiro aliviado.

— Você está bem? — Perguntou Ricardo, procurando o local da queda com a lanterna.

Ela apenas tossiu a poeira que entrara na sua boca e aceitou a mão de Ricardo para levantar. Suas costas estavam sujas e doloridas, mas ela não ligava para nenhum dos dois estados de seu corpo, pois nunca fora de reclamar por qualquer coisa. E quase ser esmagada por uma estaca de ferro era pior do que ter a roupa suja.

— Estou. Ester, a propósito. — Disse, tomando ciência de um pequeno corte em sua canela, de onde podia ver brilhar sangue vivo. O corte aparentemente fora causado por uma foice que estava apoiada em um estoque de palha.

— Está mesmo?

— Estou, não foi nada.

Nenhum dos dois olhou novamente para o metal no chão do galpão. Ela procurou sua lanterna, que fora arremessada metros longe de onde caíra, em meio a serrotes e cavaletes.

Foi quando a janela deu um rangido que rasgou o silêncio como uma faca penetrando a carne, ardido. Instantaneamente, o coração de Ricardo disparou. E ele apontou para o local. Nada. Prendeu a respiração ao ficar de costas para a garota e vasculhar o resto do galpão. Ele teve a certeza de que podia ouvir o coração dela, batendo forte e rápido. E de que ela ouvia o seu também. Suas mãos suavam frio e ele tremia.

— Ali! — Exclamou Ester, apontando para um canto iluminado por sua lanterna. Ricardo virou imediatamente, buscando o que despertara tal reação, e se decepcionou ao ver que o que havia no canto era uma antiquada pá de madeira e metal.



Qualquer um que olhasse para o céu poderia afirmar que já era tarde da noite quando os garotos se uniram em uma missa fúnebre silenciosa, carregando o corpo até uma pequena e rasa cova ao lado da cabana.

Olhar aquele corpo sem vida era espantoso, o sangue seco, de onde outrora escorrera friamente de sua boca imóvel, seus olhos revirados em um

olhar perdido. O corpo pesava uma leveza gélida, como se não passasse de um saco de lenhas. Não tinha o peso de um vivo. Não pertencia mais ao mundo destes.

Os jovens se reuniram em um semicírculo novamente iluminado pelas lanternas. Algumas garotas choravam de espanto, mais do que de tristeza. Ninguém ousou pronunciar a pergunta que assombrava a todos.

— E agora?

Só sabiam que tinham de dar um fim àquele corpo. E seguir em frente. Talvez planejassem o próximo passo ao nascer do sol. Como se, enquanto a lua estivesse no céu, tivessem o conforto do atraso. Sequer fizeram algum discurso. Sequer trocaram palavra. Apenas aproximaram o corpo do buraco mal cavado na terra e o puseram lá.

Retornaram à suas posições silenciosas em torno do maior deles, Pedro, que segurava a pá ao lado do buraco, encarando um ponto qualquer na noite iluminada pelo luar. Qualquer ponto que não fosse dentro da cova. E, quase que como um ato de respeito, hesitou. A pá fora violentamente tomada de suas mãos por Ester, que começou a devolver a terra ao buraco, com o rosto frio como a madrugada. Agora restava apenas a terra preenchida pelo corpo daquele que devia protegê-los, orientá-los. Ou, no mínimo, estar presente.

Mas ele estava presente. Fisicamente lá. Seu corpo estava ao pé da cabana. Para quando quisessem companhia, bastaria desenterrá-lo.

Ricardo afastou o pensamento ao perceber o som da pá sendo arrastada no chão. E os soluços insinceros e insossos vindo de seus colegas. Ele sorriu. Por não chorar, por não ceder à hipocrisia subconsciente, por não derramar uma lágrima em cima daquele cadáver.

A primeira pá de terra caíra por sobre o corpo como chuva em terra seca, marcando uma mudança. Marcando seu fim. Agora ele pertencia ao solo, à solidão e à quietude dos mortos.

E Ricardo não pôde evitar pensar no vazio que seria ocupado pela sua falta. O vazio por ela causado. Sim, ele não deixara um vazio. Preenchera-o com sua ausência. Onde estariam agora aqueles que alimentariam a saudade? O que estariam fazendo enquanto seu ente querido juntava-se à escuridão eterna da terra? Enquanto seu corpo era consumido pela sujeira fétida, pelos impiedosos vermes que se alimentariam de sua carne? De seu corpo impuro, contaminado por aquilo que fora em vida? Ao menos teria serventia, uma refeição podre e putrefata, servida pelo destino.

E o que seria o destino? Um caloroso amigo do tempo? Pois andam

sempre juntos, levando de nós aquilo que somos. Levando-nos, vagorosamente. E dizer que o ser humano comete a falácia de agradecê-lo, agradecer ao tempo por aproximá-lo de seu fim.

Após alguns minutos, o corpo já estava coberto por um monte de terra e pedras. Ester atirou a pá ao lado de onde estava, caminhando em direção à cabana, ligando sua lanterna no caminho. Nunca pensara que ao sair de casa naquele dia, estaria predestinada a enterrar um homem. O horror do que fizera ameaçava a perturbar, perturbar a sua paz. Só queria abraçar a ignorância para não saber o que teriam de enfrentar para voltar para casa.

Voltar para casa.

Foi um pensamento que demorou a ocorrer em Ricardo, e que agora martelava em sua cabeça.

— Como vamos voltar para casa? — Era a si mesmo que questionava, enquanto os outros jovens se ajudavam a voltar para a cabana, trôpegos, confusos pelo pavor, pelo medo. Pelo choro.

Em alguns segundos, Ricardo ficara sozinho do lado de fora. E pela primeira vez notava o frio que emanava do riacho nas proximidades. E demorou-se tentando ter uma visão do curso de águas.

Ester percebera que ainda havia alguém lá fora. E pôs a cabeça para fora do vidro quebrado para chamá-lo.

— Ei! — Gritou. Mas Ricardo não a ouviu.

Estava a alguns passos do túmulo, quando achou um local entre as árvores, de onde podia ver as margens. Ester resolveu ir até Ricardo para ver o que estava acontecendo, enquanto este olhava firmemente em direção ao riacho. Procurava pelos chinelos, uma vez que estava descalça.

Uma sombra mais escura que a noite projetava-se dentre as árvores, assumia uma forma. Ele conseguiu sentir os próprios batimentos acelerarem.

Era uma mulher, parada à beira do riacho. Ignorou o medo que arrepiava os fios de cabelo de sua nuca, o frio que ardia em seu rosto. E correu para perto do riacho, procurando a aparição com sua lanterna.

Ester correu para encontrá-lo, pensando que estava em perigo. Agarrou uma barra de ferro que estava sobre a mesa das armas e correu em direção à porta, sentindo a irregularidade do assoalho em seus pés nus. Os outros se alarmaram.

Ricardo corria. Foi quando ouviu o estridente grito da margem. Um grito que rasgou o silêncio, impiedoso, sentiu-o por dentro, doeu-lhe nos ossos. Fez com que seus olhos fossem consumidos pela vertigem, e perdesse o

equilíbrio. Caiu no duro gramado, de joelhos, tampando os ouvidos e gritando agudamente.

Registrou uma massa esvoaçante de fios dourados à sua frente, fugindo a passos silenciosos, dissolvendo-se no manto gelado do ar noturno. E outro grito perturbou seus sentidos, de dentro da cabana.

Ester pisara nos cacos do lampião que estavam pelo chão. Dois deles penetraram-lhe a sola do pé, com um rasgo ardido e molhado. Caiu de rosto para o chão, esfolando a lateral de sua face, enquanto os vidros causavam uma poça de sangue ao redor de onde perdera o equilíbrio. O líquido vermelho desenhava no chão uma linha, acumulando-se abaixo de onde seu pé estivera, brotando de uma ferida que atravessava-lhe o pé esquerdo. A ponta do vidro apontava na lateral, vermelha, afiada.

E Ricardo, ao retornar o olhar para a margem, nada viu senão árvores imperturbadas, seus galhos abençoando o vento da madrugada.

Mas ele tinha certeza daquilo que presenciara.

Amaldiçoou a si mesmo por desviar o olhar das margens límpidas do rio. Levantou, com a pulsação audível, a passos firmes e correu para as margens. Buscava qualquer sinal de perturbação.

Nada.

Sequer um galho fora do seu devido lugar.

Socou a árvore mais próxima, sentindo os cortes reabrirem sob o curativo malfeito. Sentiu sua mão molhar com o sangue, e a dor tomar-lhe os sentidos. Apoiou a cabeça no tronco da árvore e sentiu sua respiração ofegante normalizar-se à medida que tentava se convencer de que o que vira era apenas uma ilusão. Ele precisava dormir.

— Ei, Ricardo! — Gritou uma voz que julgou ser masculina. Ele se desencostou da árvore e foi ao seu encontro.

— Você está bem? — Perguntou.

— Bem. — Foi só o que ele disse ao passar pelo garoto.

— Ester pisou num caco. — Disse ele, em explicação à pergunta não feita. Entraram depressa.

Ester estava deitada em um dos colchões, e um garoto retirava de seu pé cacos de vidro.

Mesmo na semiescuridão das lanternas à pilha, Ricardo conseguia ver o sangue dela sendo derramado no retalho no colo do garoto em um fio grosso e viscoso que reluzia à luz fluorescente.

Ela tentava conter seus gritos de dor, quando ele puxou o caco maior,

que atravessara seu pé desde a sola. E não pôde evitar liberar um som gutural que mais soava como ganido. Mordeu o lábio com força, chutando Pedro, que retirava os cacos, com seu pé livre.

— O que foi aquilo? — Perguntavam. Mas Ricardo só conseguia manter sua boca aberta. Nenhum som saía de si. Nem ele entendera o que havia sido.

Ele olhou mais uma vez pela janela quebrada, de onde provinha uma suave brisa noturna. E desejou estar junto de sua mãe, no conforto de sua casa.

— Nada. — Murmurou, enfim.

Agradeceu aos colegas silenciosamente, porque estes não o questionaram. E a criatura que vira — e agora estava quase certo de que era uma criatura, e não mero humano — o ameaçava com sua duvidosa existência. Nunca acreditara em espíritos ou coisas do tipo, mas não estava disposto a desafiar qualquer força desconhecida.

Ester tentou levantar, se equilibrando em seu pé são.

Após alguns segundos, com o apoio dos que ali estavam, conseguiu, entre grunhidos, suspender-se.

Sorriu. E todos riram, tal como tentamos nos iludir que tudo está bem em momentos de crise. Após constrangedores segundos de sua estadia assistida, Ester deixou-se deitar novamente no colchão, e todos voltaram a se arrumar para dormir. Sequer sabiam que horas eram, apenas que há muito a madrugada já se estendia.

Ricardo deitou-se pensando naquela nuvem de cabelos dourados, que emanavam um brilho inumano. Não, não podia ser humano.

Foi quando se lembrou de onde já havia visto aquilo. E teve a certeza.

Não era humano.



Os primeiros raios de sol da manhã já banhavam a clareira ao redor da cabana. Fora uma noite longa, perturbada por insetos e pela insônia.

Ricardo lembrava-se das noites sem dormir quando era pequeno e assistia a um filme de terror. Sempre pudera contar com sua mãe para afagá-lo os cabelos, para cantar para ele. Agora enfrentava um pesadelo. E não fora causado por um simples filme de terror, uma simples projeção, uma ideia de realidade. Não fora espantado por monstros idealizados. Mas por algo concreto.

Algo real.

Algo que ele presenciara.

Ele nunca acreditara em milagres, ou em assombrações. Nunca sentira medo de alma penada, nunca temera fantasmas. E continuava a pensar que o que não é vivo é incapaz de infligir mal algum.

Agora, duvidava. E esperava que não pudesse ser, de qualquer forma, influenciado pelo que chamou de presença.

— Tarde demais — pensava. Já havia sido. E sabia não se tratar de uma simples presença, pelo irreal grito que parecia rasgar-lhe, penetrar-lhe. Parecia possuí-lo de intenso medo. Fora, para ele, tão real e assustador que continuava a ouvi-lo, mesmo sabendo que o único som que perturbava o uniforme silêncio da manhã era o de galhos agitados pelo vento, e de pássaros a apreciar a luz solar.

Não, não era meramente uma aparição. Seria fruto de sua mente? Duvidava, pois pensava que a mente humana era incapaz de deteriorar a si mesma.

E errava neste aspecto. A mente humana é capaz de terríveis atrocidades. As piores delas, contra si mesma.

Levantou antes de todos, pois a suave luz da manhã lhe era irritadiça. E até mesmo o cantar dos pássaros lhe despertava ira, lhe causava pânico. Pois temia o som. Ou pelo menos, passara a temer. E o grito estava impregnado em sua cabeça, incessante e doloroso.

Apoiou-se próximo à janela quebrada. E olhou para as margens do rio. E subitamente, sua própria voz lhe fez companhia. Alguma parte de si mesmo sabia o que era aquela nuvem de fios dourados. Sim, ele sabia. Sempre soubera. Mas acabara por deixar o medo lhe desviar de sua conclusão.

E ouviu novamente o estridente ruído do grito. Mas nada se perturbou, exceto por ele.

O pássaro abria o seu bico em sua direção. Ricardo agarrou um vidro quebrado da janela, o torceu para que se separasse do resquício do material que ainda estava preso ao marco da janela. E deferiu-lhe. A ave sequer tivera tempo de se mexer, ates que fosse alvo do impiedoso projétil, que lhe cravou uma ponta, derrubando-o. Agora era tomado por raiva e precisava sair dali o mais rápido possível.

Não demorou muito para que todos acordassem. Estavam parecendo exaustos, com olheiras e sinais de cansaço, mesmo após horas de sono. E o tempo que pareceu passar em um segundo foi suficiente para que o sol iluminasse a cabana, aquecendo-a. Quando se deu por conta, devia ser perto

do meio dia, e ele ainda vestia a roupa com a qual dormira. Percebera estar sentado no chão, com o rosto enfiado nas ataduras de sua mão, de onde provinha um cheiro de sangue e putrefação.

Deixou-se demorar a se trocar. Deixou-se ponderar sobre o dia que passou. Parecia que todos faziam o mesmo, enquanto reuniam, na mesa, vários dos suplementos de seu estoque limitado. Não demoraria a serem obrigados a sair em busca de mais, sozinhos na selva que os cercava.

Sentaram para comer, e alguns olhos denunciavam que haviam chorado.

— Eu voto em a gente começar a caçar logo depois do almoço. — Disse Ester, enquanto mordia e rasgava com os dentes um pedaço de pão dentro do qual pusera um fino corte de carne.

— Não acho que seja preciso ainda. — Respondeu uma menina loira, à sua esquerda.

— Ela não está falando em caçar comida. — Falou Pedro, enquanto procurava aprovação nos olhos de Ester.

— Eu não acredito que vocês continuam com essa ideia! — O garoto que falava utilizava um tom de voz claramente carregado pela indignação.

— É o que eu vim fazer, afinal de contas. — Retrucou Ester, friamente.

— Fazer o quê? — Perguntou Ricardo, mas teve sua voz engolida pela fala dos outros.

— Mesmo depois da morte de Lúcio? — Questionou o garoto, novamente.

— Não temos muita opção. — Ela respondeu.

— Podemos tentar voltar para casa. — Quem falava era uma menina loira com aparência delicada, cujo nome era Mariana. Ricardo já a havia visto pela escola.

— Fazer o quê?! — Ricardo disse, mais alto. Todos na mesa pararam para observá-lo. Estava com o corpo levantado em direção à Ester, claramente bravo, rangendo os dentes e com ambas as mãos fechadas em punhos.

— Eu vim para procurar sinais da lenda da *banshee*. — Anunciou Ester, e Ricardo sentou novamente, com um misto de surpresa e medo em seus olhos.

Não era apenas ele que havia ouvido a história.

Quem o havia contado era seu falecido avô. Ele costumava venerá-lo como a um poço de sabedoria. O mundo não dá valor a seus idosos. O mundo não dá valor à prova viva de que a história é feita a cada dia.

Sentava-se ao redor de uma fogueira em noites de outono, quando o tempo estava seco e o frio demandava tais momentos, uma fonte de calor. E ouvia, pacientemente. Ouvia atentamente, sedento por saber. O tipo de sede que falta aos homens.

Recordava-se daquela história em particular.

Não sabia os detalhes, pois sua atenção voltou-se ao antagonista. À antagonista, melhor dizendo. Ela.

Ela que previu a morte.

Ela que a alertou.

Ela que só se calou quando o luto calou em reza o recinto.

E ele entendera o que aquele grito avisava. O que aquele grito demandava para que cessasse.

A lenda era conhecida. Banshee, o espírito que anuncia a morte. Mas ocorreu uma história de que uma delas havia aparecido naquela reserva, enquanto ainda era um grande acampamento de madeireiros. Contava-se que dez pessoas haviam ido para a mata procurar os tesouros da natureza, em algumas versões eles são madeireiros, em outras caçam tesouros indígenas. Apenas uma delas retornou, louca, perturbada. Incapaz de responder por sua própria sanidade. Em seus momentos de lucidez, relatava os nove gritos. Nove mortes misteriosas. Nove corpos desaparecidos, até que um fazendeiro que passava pelo local a deu carona. Ele era dono da cabana onde os jovens estavam. Abandonou o local, que logo foi transformado em uma reserva. Alguns diziam que as autoridades haviam construído as cercas para manter os curiosos distantes. Tudo acontecera em agosto de 1983, há oito anos.

Um ano depois, ela também morreu, cometeu suicídio se jogando de um penhasco à beira de uma estrada quase deserta. Aonde os desesperados vão para procurar uma última chance de se livrar daquilo que não suportam — viver.

Inúmeros credores da lenda ainda procuram sinais dos corpos nos arredores da cabana.

Ricardo sentiu um calafrio.

Impossível.

Ele a havia visto.

Começou a suar frio e sentir o coração palpitar no peito ao relembrar aqueles fios dourados e esvoaçantes que vira à margem do rio. Vieram em busca de sua vida.

Ou será que a vida que ela destinara ao fim era exatamente a sua?

Lembrou-se de que também a ouvira na noite anterior, na chegada à cabana.

Quando Lúcio caíra morto no assoalho.

Se quisesse permanecer vivo, teria de se certificar que alguém morresse.

Assim calaria aqueles gritos.

— Eu acho melhor a gente pedir socorro. — Disse Mariana.

— Como? Martins? — Questionou Pedro, de sua direita, apontando com a cabeça para o menino que primeiro se levantou da mesa.

— Fumaça? — Sugeriu Martins.

Enquanto a discussão se estendia, Ricardo só conseguia pensar naqueles fios dourados, em tudo o que aquela visão implicava. Seu único raciocínio, sua única certeza, era que ele não queria morrer. E faria tudo o que estivesse ao seu alcance para isto. Nem que fosse necessário matar.

Servia-se.

O gosto da comida fria e empapada somente reforçava a sua necessidade de matar, afinal a caça nada mais é que frio assassinato por interesse. A busca da sua satisfação, através do sacrifício de um animal. E se sentiu horrível por desejar um prato quente de carne fresca. Sangue derramado, vida interrompida. Talvez matar pela sua sobrevivência fosse mais genuíno que pela sua satisfação momentânea.

— Por que não corremos até acharmos a via? — Perguntou Joana, a garota ao seu lado, referindo-se à estrada pela qual vieram.

— É muito longe daqui, — respondeu Ester. — E não se sabe o que essa floresta esconde. Prefiro ficar e procurar o acampamento.

— Como pode, permitirem uma loucura dessas? — Ricardo não prestou atenção em quem falara, mas viu a resposta deixar os lábios de Joana como se ela lesse sua mente.

— Loucura mesmo foi a nossa de ter vindo.

Refletiu sobre o que fazer enquanto olhava para suas mãos, enfaixadas, a gaze manchada de vermelho. Não podia deixá-los ir antes de saber o que significava a sua visão. Ou a quem os gritos se direcionavam.

A banshee queria uma morte.

E não seria a sua.

Naquele instante, foi tomado por um pensamento que viera como uma vertigem. Se tivesse que escolher alguém para morrer, quem seria? Aquele que lhe fazia menos falta.

Mas quem seria?

Durante todo o almoço, não conseguiu concentrar-se em conversa

alguma. Estava envolto em seus próprios pensamentos. Olhava de um em um, como se fossem um tipo de produto. Como se fossem animais silvestres para os caçadores. E ele realmente teria de agir como um, se quisesse sobreviver.

A pergunta era: quem? Em momento algum considerou outra opção. Para ele, atos extremos tinham de ser concretos, sem perturbações da dúvida. Mas equivocava-se ao pensar na dúvida como um mal. Poucos tinham o benefício de duvidar, de esconder-se atrás da desculpa de um talvez.

Após a refeição, recolheram os pratos e os depositaram em uma pia desativada na cabana. O cano que saía dela fedia a podre e a ratos. Por trás da crosta de sujeira vislumbrava-se o que um dia havia sido branco.

Ao seu redor, Ricardo ouvia murmúros, mas não conseguia compreender as palavras, estava longe em seus próprios pensamentos.

Olhava de rosto em rosto, olhar em olhar. Quem daqueles valeria menos? Qual vida? Quem faria menos falta?

Ao passar pela pia, cheia, outro pensamento lhe veio à mente, ainda mais assombroso, porém realista.

Seria uma pessoa a menos para consumir alimentos.

Teriam de caçar, cedo ou tarde. Era um dos motivos pelos quais lá estavam, afinal de contas, aprender a se virar na natureza.

Do lado de fora, Martins e Joana direcionavam-se ao galpão, voltando minutos depois com machados.

Ricardo observava da janela quebrada.

Em alguns minutos, durante os quais ele não ousara se mexer, quatro jovens reuniram-se em torno de um monte de galhos de árvores, e neles colocavam o álcool do qual dispunham, na esperança de acender uma fogueira.

Não conseguiriam com galhos frescos.

E Ricardo faria de tudo para impedir que qualquer um saísse do retiro enquanto ele não entendia a banshee.

— Talvez eu não precise eliminar a pessoa mais inútil, — pensou. Mas o que lhe ocorrera a seguir foi ainda mais sombrio. — Preciso eliminar o mais inteligente.

Martins havia dado a ideia da fumaça.

Alguns corpos funcionam sem um rim, raciocinava. Mas não sem um cérebro. Cedo ou tarde encontrariam um meio de sair do retiro. Mas ele não os queria longe. Ele queria alguém para morrer por ele.

Observava cada passo de cada um de seus companheiros. Queria a

pessoa perfeita. Se iria, de fato, cometer tal atrocidade, deveria certificar-se de fazer bem feito. E iria cometê-la. Estava certo de que era o que deveria ser feito.

Olhava para um ponto na lâmina criada pelo local onde o vidro partira-se, sem prestar atenção à sua frente. Somente percebeu que haviam acendido os galhos quando o calor bateu em sua face. Cerrou os olhos e caminhou para longe.

O cheiro de fumaça era distinguível de longe. Correu para o galpão enquanto os outros se ocupavam de louvar ao fogo que agora desenhava no ar colunas de fumaça. O vento certamente dispersaria um pouco desta, mas até que ponto? Uma parte de si desejava sair do retiro e rumar à segurança de sua casa. Mas temia que fosse perseguido pelos gritos que indicavam a morte. E temia vê-la, senti-la.

Os outros faziam grupos para discutir questões de sobrevivência até a hora de um possível resgate — e para eles tal possibilidade era extremamente provável, não discutiam se, mas sim quando, enquanto Pedro tentava convencer Ester a desistir da ideia de procurar o antigo acampamento, argumentando que era tudo uma lenda.

Abriu a pesada porta do galpão e procurou, dentre as inúmeras ferramentas, o que precisaria. Saiu pela lateral e não fora visto. Todos estavam ocupados demais em uma veneração cega à possibilidade de uma solução *Deus ex-machina* para seu problema. Talvez seu excesso de realismo o estivesse corrompido. Ou talvez o otimismo deles o despertasse tal sensação.

Por incrível que fosse, passou a tarde toda sentado à beira da janela, sem se mover, inerte a tudo — inclusive a seu corpo. Ignorara a fome e a sede. Sua visão focava-se em um ponto vazio no infinito. E pensou, por um momento de anarquia interna — raros nos quais se permitia um pouco de ignorância — que poderia passar o resto da sua vida ali, na janela.

O escuro fora dominado por um calor latente proveniente da pequena fogueira dos jovens. Alguns retornavam para a cabana para dormir e esperar as consequências do dia pesar sobre eles. Tolos, pensava. Tolos são todos os que se deixam enganar pela inocente fantasia de que no mundo haverá alguém para quem recorrer. Alguém que cruze seu céu e perceba seus sinais de fumaça.

Era uma região distante de matas e pastos. Teriam de atrocidar a mata com fogo para serem notados. Do contrário, nenhum avião passaria para

resgatá-los.

Embora o fato fosse quase óbvio, eles se permitiam acreditar que uma fogueira que sequer aquecia a todos com eficiência fosse despertar uma missão de resgate.

Não eram diplomatas — sequer eram trabalhadores.

Não faziam falta.

Ricardo, então, percebeu que o dia lhe agradava com sua ausência. Considerava a noite a melhor parte do dia. O escuro e tudo o que ele poderia esconder. Sequer olhara para a margem do rio.

Levantou e saiu da casa pela porta lateral.

Os outros estavam envoltos em uma discussão sobre que tipo de escola manda alunos sem instrução para o meio da selva sem um plano B. Agora omitiam que haviam concordado com tal retiro. Então lhe veio nítida a cena de uma semana atrás, quando os garotos usavam de sua coragem por terem embarcado no retiro como um atrativo à sua personalidade. Agarrou o machado e vestiu o par de luvas de couro. De caça.

Ao contornar silenciosamente a cabana, voltou a ser perturbado pelos flashes dos cabelos dourados. Poucos metros à frente, uma garota morena sentava-se em um tronco próxima à fogueira, na companhia de Martins.

— Foi em vão. — Murmurava, entre soluços.

Ele tentava consolá-la.

Novamente aquela palavra voltava a Ricardo.

Tolos. Tolos todos os que tentam amenizar a inutilidade com alguma mentira, negações. Fora inútil e todos sabiam disso.

E Ricardo a agradecia.

A garota chorava.

Chorar. Derramar lágrimas inúteis e dolorosas por algo irremediável. Talvez pior que o consolo mentiroso. Ela seria presa fácil.

Se Ricardo se livrasse de Martins.

Martins manteve-se ao lado da garota. Tentava consolá-la pelo fracasso da fogueira.

— Talvez a gente devesse sair daqui. — Sugeriu.

Uma espécie irracional de pânico percorria a espinha de Ricardo, e o fez estremecer. Por algum motivo, escolheu a ela. Talvez a banshee estivesse, afinal, anunciando a morte dela. E ele iria calá-la de qualquer forma.

— Ainda temos suprimentos, — completava Martins. — Poderíamos sobreviver a alguns dias de caminhada se fosse necessário.

— Não temos para todos nós. — Respondeu ela.

— Eu não me referia a todos nós. — Havia um tom fúnebre em sua voz. Ela começou a chorar novamente.

Martins segurou seu queixo à altura do dele e a beijou.

Então era isso? A maravilhosa estratégia para cessar o choro? Um beijo vazio para preencher o silêncio. Ele, de fato, não ligava para a garota. Era apenas alguém de quem ele podia tirar proveito.

— Vou arrumar nossos colchões, venha. — Convidou ele.

— Volte pra cá. Eu vou esperar o fogo apagar.

O que antes era uma fogueira que poderia chamar alguma atenção esvaíra-se em uma chama pequena que apenas gerava um odor de combustão.

Uma ideia ocorreu-lhe. Atrairia ela para a mata, onde ninguém pudesse vê-los. Enquanto Martins forjava uma profunda tristeza de se passar alguns minutos na ausência dela — e Ricardo, no fundo, sabia que os casais eram sedentos por estes momentos de liberdade individual — ele atravessava a clareira, abençoado pelas sombras que o escondiam sob a visão entorpecida por lágrimas da garota.

Ela ainda estava no tronco, sozinha, chorando.

Martins já havia entrado na cabana.

Estava quase junto à mata quando um grito lhe confundiu os sentidos, e o fez derrubar o machado nas folhas secas.

— Ei! — Disse ela, com tom urgente, em sua direção.

— Bosta. — Murmurou sob sua respiração ofegante. Não podia regressar. E a banshee estava por perto. O grito dela dava a impressão de que seu ouvido derramava sangue, que cortava de dentro e esvaía para fora.

Correu para dentro da mata.

Ela correu atrás. Aqueles pequenos atos impulsivos nos quais não pensamos. Deveria ter corrido para longe, para a segurança da cabana cheia de gente, de armas e luz.

— EEEII!

Ele correu em direção ao riacho, onde a mata ciliar lhe oferecia maior proteção contra a inimiga ocular.

Ela quase o alcançou, e ele se balançou à encosta do riacho. Apoiou-se numa árvore.

— Mariana! — Ouviram, mais alto que o som da corrente do riacho.

Ela fez menção de gritar de volta.

Mas Ricardo fora mais rápido, despertado por um grito que não era dela.

Emergiu detrás de uma árvore com o machado em trajetória, e acertou-lhe a lateral do crânio antes que o grito a deixasse.

O som perdeu-se no silêncio da impiedosa lâmina, que aterrissou na cabeça da garota em um baque surdo metálico, e sangue negro brotou do ferimento. Seus olhos perderam o foco e o corpo despencou quando Ricardo lhe arrancou o machado, com seu coração palpitando. Uma expressão de satisfação lhe doeu o rosto, como se estivesse tencionando seus músculos e finalmente os relaxassem.



Passado o efeito da adrenalina em seu corpo, o choque da realidade o afetou como um soco no estômago. Sentiu o ácido em sua boca enquanto do rasgo no crânio da garota vertia sangue, negro e denso.

— Mariana! — Ouviu o grito longínquo a chamar o corpo que jazia a seus pés.

— Não....—, murmurava.

Olhou em volta e tudo o que via era escuridão. Sua visão estava turva, com o rosto partido de Mariana gravado sob suas pálpebras. A morte, assombrosa, a fazer companhia da escuridão de suas piscadas.

No ar havia mais que o frescor do riacho. Havia uma nota metálica, um odor podre, ainda que o corpo sequer tivesse repousado por cinco minutos.

Estava tão em choque que sequer notara o gradativo aumento de proximidade dos gritos. E as árvores ecoavam o nome como se também o falassem, em um sussurro macabro. As águas correntes só eram barulhentas o suficiente para cobrir o som de sua respiração arfante.

Retirou o machado com a ajuda de seu pé, e o corpo despencou para o lado. Despiu-se e deixou as roupas a encimar o borrão negro na grama que era o sangue escorrido. Teria de se livrar das manchas, mas o faria outra hora, driblar os outros era um objetivo mais urgente.

E o maldito nome era gritado mais e mais de perto.

O farfalhar dos arbustos cedendo caminho aos buscadores era, para Ricardo, como uma corrida — acelerando seu ritmo cardíaco, fazendo todos os músculos do seu corpo doerem.

A brisa da noite bateu gelada em seu corpo nu. Por instantes, só fez encarar o corpo no chão, sem ação, e o dele sem reação. Só queria se sentar com ela e chorar. Chorar por tudo estar acabado, pelo sacrifício imposto.

— Mariana!

Pulou no riacho arrastando ela e o machado, e afundou o corpo sob os pés. Tentava incessantemente — e em vão — controlar a respiração.

Um.

Dois.

Três.

— Ricardo!

Por mais que esperasse ouvir seu nome, a proximidade do falante lhe soou amedrontadora, e pensou que iria entrar em pânico, enquanto suas pernas lutavam para manter o corpo submerso, e o machado pesava em sua mão sob a água.

Um impulso sobre-humano de delatar seu ato corroia suas veias, uma ansiedade sem origem, que fazia seu peito arfar, ameaçava sua paz de espírito.

Espírito.

Um arrepio lhe correu a espinha ao encarar Martins e um outro companheiro de retiro, do qual não sabia o nome.

— É você. A Mariana sumiu. Procuramos em todo lugar!

Martins ruborizou ao ver as roupas de Ricardo largadas na grama. E Ricardo quase sorriu sua vitória. Tão frágil, nu, desprotegido.

— Eu ouvi passos daquele lado, — mentiu. — Achei que fossem animais, por isso resolvi não olhar.

Apontou com braço trêmulo para o lado oposto ao qual vieram.

Martins fez um gesto e o garoto o acompanhou em uma corrida, e a retomada dos gritos do maldito nome!

— Idiotas, — sorriu. Saiu de cima do corpo, que flutuou a seu lado, de bruços, morbidamente. — Espero que algo os mate.

Largou o machado que caiu pesado na parte rasa do riacho.

A mata ciliar formava uma densa camada acompanhando a água por seu curso. A correnteza não estava fraca. Retirou as roupas da garota, e passou os dedos molhados em seus lábios roxos e inchados. Seu rosto dividia-se em dois com um talho que cabia o dedo indicador de Ricardo. Mesmo assim, beijou-a, para selar o pacto fatal que ela nunca concordara em firmar.

Riu, mantendo a voz baixa, enquanto soltou o corpo nu e fragilizado na correnteza.

Não pôde deixar de observar as curvas da garota. Sequer havia reparado nelas antes. Os seios eram selados por cabelos negros colados pela água. E sangue.

E a beleza de sua salvadora nadando silenciosamente ao curso do riacho era digna de um quadro. O gosto insosso de seus gélidos lábios perdurariam nos dele. E a natureza que se encarregasse de levá-la. Ela seria protegida pela mata até o amanhecer.

Cavou, ainda nu, um buraco no barranco à margem, e enterrou as roupas da donzela. Mergulhou novamente, emergindo da água com um olhar de triunfo, enquanto as lanternas e os gritos dos garotos ainda davam vida à floresta que abençoou o assassinato.

Sentia-se único.

CAPÍTULO 3

E então restavam oito no retiro.

Ricardo retornou à cabana com a roupa grudada em seu corpo molhado, e seu coração, que outrora batera com intensidade agora sequer fazia-se ser sentido. Ele havia matado um ser humano. Quem sabe esse sacrifício calasse os gritos.

Caminhava com passos lentos por entre a mata, esquivando-se das lanternas, e apenas correu ao passar pela clareira. Vários dos outros ainda procuravam Mariana, gritando pelas matas.

— Mariana!

Era de dar pena.

Nunca foi do tipo de pessoa que sentisse compaixão. Era simplesmente impossível para ele se conectar de forma total com algum sentimento. E isso sempre o fizera se sentir vazio, de certa forma.

Apenas Pedro e Ester ainda estavam na cabana. Enquanto ele pegava alguns alimentos e garrafas d'água, ela enchia uma mochila com algumas armas, provavelmente roubadas do galpão. Nenhum dos dois notou a presença de Ricardo.

— Temos que ir agora.

— Para onde vocês vão?

Ao som da voz de Ricardo, Ester parou e olhou nos olhos de Pedro. Um olhar que questionava se deveriam falar a verdade.

— Podem falar.

— Nós vamos caçar os restos do acampamento. — Disse Ester, com convicção. O rosto de Pedro entregava um misto de dúvida e receio.

— Isso é loucura. — Disse Pedro.

— Se você não quer ir, fique aqui. — Respondeu Ester, colocando a mochila sobre um dos ombros. Sua voz soava decidida e cansada. — Precisamos sair enquanto todos estão à procura de Mariana.

— Quem está lá fora? — Questionou Ricardo.

— Todos — respondeu. — Martins, Joana, Emily, Felipe, Adriano.

— E a Mari — completou Pedro.

— Ela fez o que todos nós queríamos. Deu o fora. — Certamente, Ester

não estava para discussões. Caminhou em direção à porta, olhando para fora, tentando evitar aos outros.

— Eu vou com vocês. — Anunciou Ricardo, pegando sua mochila e enfiando as armas que conseguia pegar da mesa. Pegou sua lanterna, e antes que um dos dois apresentasse alguma objeção, saiu pela porta, seguindo os passos de Ester.

— Cuidado! Eles não podem saber onde estamos indo, ou não nos deixarão sair. — Disse Ester, baixando a voz.

— Sinceramente, eu não acho que alguém vai se importar — retrucou Pedro.

Os três saíram cautelosamente, com as lanternas desligadas, guiados por Ester, que, por sua vez, seguia um mapa e uma bússola. Ao alcançarem as primeiras árvores do bosque, ela entregou um *walkie talkie* para Pedro.

— Eu só tenho dois, então você vai ter que ir junto comigo — disse a Ricardo, que apenas concordou com a cabeça. Não sabia se ela havia visto. Sequer sabia se ela esperava uma resposta. Pedro fez um som de reprovação e foi ignorado por ambos.

Alguns passos depois, a caminhada se tornou uma corrida. Pedro tomou a frente, empunhando um facão, com o qual afastava os galhos. Ester corria com dificuldade, mancando a cada vez que seu pé cortado atingia o chão. Após alguns minutos, já ofegante, teve de se sentar. Tirou o tênis e desfez sua atadura improvisada. O corte havia voltado a sangrar. Onde estivera o vidro agora havia uma linha de sutura improvisada, que lembrou Ricardo dos pequenos consertos que sua mãe fazia sempre que rasgava alguma roupa na escola. Ela pegou um pequeno frasco de álcool de uma de suas mochilas, e, segurando a lanterna com uma mão, despejou um pouco no pé com a outra, suprimindo um grito de dor e refazendo o curativo logo em seguida. Instintivamente, Ricardo segurou sua mão cortada.

— Quer um pouco? — Ela perguntou, observando seu gesto.

— Não. Estou bem.

Fato era que sua atadura agora estava molhada. Sequer havia se lembrado dela com o assassinato no rio. Mas Ester puxou sua mão, desfazendo sua atadura. Tirou, com os dedos mesmo, a camada de sangue coagulado, expondo o tecido aberto. Despejou um fino fio de álcool, que fez com que ele mordesse a parte interior de sua bochecha com força. Ela cortou um pouco da atadura que carregava, também em sua mochila e improvisou um curativo.

— Isso deve prevenir uma infecção.

Ricardo sorriu, embora estivesse sentindo um ardor forte no local. Ela retribuiu o sorriso, mas seu olhar congelou-se ao ouvir um farfalhar de galhos perto de onde estavam. Ao mesmo tempo, os três desligaram suas lanternas. Ela estava sem tênis, e Ricardo tentou ajudá-la a calçá-lo, silenciosamente. Ela fez um sinal para que Pedro fosse investigar o barulho, balançando seu *walkie talkie* e apontando para a direção para onde iria em seguida. Ele concordou com a cabeça e foi, cautelosamente caminhando, em direção ao barulho.

Ricardo a ajudou a ficar em pé, e, escorando-a, começaram a caminhar na direção oposta. Assim que readquiriu equilíbrio, ficou em pé por si mesma, mas Ricardo ainda segurava sua roupa. Sua roupa ainda estava úmida, embora não mais sentisse frio.

A cada passo que davam, a noite parecia mais escura. Embora Ester estivesse com um mapa, Ricardo tinha a sensação de que estavam andando em círculos, sempre passando pelas mesmas árvores. Estava tudo estranhamente quieto, apenas com eventuais sons que provinham da mata. Não demorou para que Ricardo pensasse que só existiam em sua mente. Por um tempo, andaram silenciosos. Depois de mais alguns minutos, Pedro começou a cantarolar uma melodia que lembrava muito “Ice Ice Baby”.

— Isso parece inútil. — Disse ele, enfim se encostando a uma árvore. — Há quanto tempo estamos andando?

— Agora são 1:29. — Respondeu Ester.

— Impossível — disse Ricardo. A gente deixou o acampamento perto da uma da manhã. Olhei o relógio antes de virmos.

— Droga! — Falou a garota. — O meu deve ter parado. Isso, o ponteiro não está se movendo. Pedro?

— Eu nem trouxe *pra* cá.

— Inferno! Aqui, segundo o mapa se a gente andar mais ou menos duas horas da cabana a gente encontra um pedaço do rio em uma clareira, mais uma meia hora no curso do rio e encontraremos uma ponte. A gente não pode estar longe.

— E como você sabe que a gente seguiu o caminho certo?

— A gente andou para o oeste desde que saímos.

Desapontados, retomaram a caminhada, seguindo Ester, que olhava fixamente em sua bússola. Não demorou para que ela começasse a balançá-la. Ordenou que os outros dois parassem, e começou a girar no mesmo lugar,

tentando iluminar sua bússola. Com um suspiro irritado e desapontado, deu vários tapas no artifício.

— Não! NÃO!

Tomando ciência da situação, Ricardo tomou a bússola das mãos dela e tentou verificar por si mesmo. Também não acreditava. A bússola mudava sua posição aleatoriamente.

— Estamos perdidos.

— Como assim, perdidos? — Questionou Ricardo.

Pedro largou suas coisas no chão.

— Acho melhor esperarmos o amanhecer.

Embora contrariados, os outros dois acabaram concordando. Ricardo sentia fome, ainda que não tivesse disposto a admitir isso a qualquer um dos outros dois, que sequer haviam mexido nos alimentos, apenas bebido um pouco da água.

— Eu digo que a gente tem que dormir por aqui e retomar amanhã. — Continuou Pedro.

Ester apenas meneou sua cabeça de forma afirmativa.

— Eu fico vigiando, vocês dormem. — Disse Pedro. — Ambos estão machucados. Encontrem algum lugar.

Não houve objeção ou protesto. Os três estavam se dando como vencidos pelo cansaço.

— Eu prometo que amanhã encontro o caminho. — Disse Ester, iluminando a copa de algumas árvores dos arredores, à procura de algum local para dormir. Era um bosque de árvores altas, com poucos galhos baixos, o que tornaria a subida um pouco dificultosa. Era como se a mata estivesse os prendendo aos seus próprios limites como humanos.

Andaram alguns metros a mais até que conseguissem árvores que pudessem subir. Despediram-se e escalaram, enquanto Pedro sentava ao chão, empunhando seu facão, e desligava sua lanterna, voltando a cantarolar sua canção.

O sol começava a iluminar a mata quando Pedro abriu os olhos. De início, não se moveu, notando que estava no topo de uma árvore. De onde estava, podia ver uma abelha voando em volta de sua perna. Não quis se mover para evitar ser picado. Procurou os outros dois com os olhos, mas só conseguia enxergar a copa de algumas árvores e sua mochila, pendurada em um galho próximo dali.

— Ester! Ricardo!

Não ouviu respostas.

Tentou descer, mas não encontrou como. Questionava-se como viera parar no topo. Tinha um irracional medo de alturas. Estava a uns aproximados quatro metros do chão, muito alto para arriscar um pulo. Caminhou, apoiando-se no galho acima, até a ponta do galho onde estava, e tentou pegar sua mochila. Içou-a com um braço, tremendo da cabeça aos pés. Alcançou a árvore ao lado e, indo de galho em galho, conseguiu descer. Estava com a bexiga cheia. Procurou alguma árvore na qual pudesse urinar.

— Ester? Ricardo?

Sem resposta novamente.

Largou sua mochila no chão, encostou-se na árvore e aliviou-se, aproveitando para olhar ao redor. Então viu Ricardo e Ester correndo de um pouco mais à frente. Sorriu ao vê-la mancando, mas se esforçando para manter-se ao lado do amigo. Tentou terminar antes que eles chegassem e o vissem, e o próprio pensamento o fez ruborizar.

Os cabelos deles estavam molhados, mas suas roupas não.

E então ele entendeu. Haviām encontrado o rio. Sequer foram capazes de esperá-lo acordar. Certamente queriam algum tempo a sós. Terminou de urinar e se afastou da árvore, indo lentamente ao encontro dos dois.

— Nós achamos! — Anunciou Ester, entusiasmadamente. Estava ofegante, e apoiou-se em Ricardo para descansar seu pé machucado. — Vamos, vamos procurar a ponte.

— Você poderia ter me dito no *walkie*.

Pedro apenas sorriu, sem intenção, passando por ambos.

— Ricardo achou melhor que viéssemos aqui, como saímos antes de você acordar.

— Hum.

Ele sequer encarava Pedro. Estava preocupado. Fora acordado de madrugada com um grito. Desde então não conseguira dormir. Resolveu desbravar o local antes de amanhecer, mas Ester também não havia conseguido fechar os olhos. Estava apenas descansado nos galhos baixos de uma árvore. Juntaram-se em uma caminhada e observaram o sol nascer, no leste, tomando, logo em seguida, a direção oposta até encontrarem o riacho.

— Lá. — Disse Ester, apontando para onde deveria estar a ponte. Seguiram o curso do rio por mais de um quilômetro antes de enxergarem a estrutura da ponte. Várias das madeiras que a compunham estavam podres e quebradas, oferecendo apenas passagem por um canto estreito.

— Eu não acredito que a gente encontrou! — Ester comemorava com pequenos pulos, embora estivesse praticamente sem energia de não comer. Permitiu-se sentar próxima à margem do rio, e abriu a mochila, de onde tirou um pedaço de pão, que foi repartido entre os três, e uma garrafa d'água.

— Você sabe que isso pode não significar nada, né? — Pedro a encarava, sério.

— Olha quem está otimista hoje.

— Só estou dizendo que uma ponte podre pode não significar nada. Então não devia ficar toda alegre.

— Eu sonho com esse momento desde a minha infância, você sabe muito bem disso.

— Eu estou perdendo algo? — Questionou Ricardo, procurando algo mais para comer de dentro da mochila de Ester.

— Ela é meio que fissurada por esse lugar desde sempre. Ou você acha que ela está aqui para aprender a sobreviver na natureza com aquele fodido do professor?

— Ei, mais respeito, ele está morto. — Agora, os olhos dela refletiam pura ira. Pedro sabia o quanto era importante para ela encontrar o antigo acampamento. — Se foi para ficar desse jeito, por que você veio?

— Por que VOCÊ veio?! Para procurar por ossos feito uma cadela?

Ester pôs-se em pé, e rapidamente retirou uma foice de dentro da mochila.

— Nunca mais me chame de cadela. — Disse calmamente, atirando a foice a centímetros de distância do rosto de Pedro, que recuou, mais contrariado que amedrontado.

— Ei, vamos parar! Agora estamos perto. — Ricardo tentava apaziguá-los, mas era em vão. Pedro recolheu sua mochila e voltou por onde eles haviam vindo.

— Deixa ele ir. — Disse, em uma falha tentativa de consolar Ester. Mas ela permaneceu calada, até o momento que decidiu subir na borda da ponte. Pedro já não estava em seu campo de visão. Pendurou-se na estrutura, equilibrando-se na madeira lateral, tentando evitar os locais com madeiras quebradas. Ricardo permaneceu na base da ponte. Largou a mochila e esperou que ela atravessasse. Estava tentando observar, à distância, o que pensou ser um emaranhado de cabelos dourados, novamente no bosque por onde Pedro havia ido.

— É ela!

Mas não conseguiu olhar bem para seu rosto. Um grito rasgou o ar, penetrando em seus ouvidos. Ela havia voltado.

Nesse momento, ouviu um barulho de madeira quebrando e Ester foi lançada para dentro do riacho.

Embora soubesse nadar, o peso da mochila com as armas a arrastava para baixo, e ela não conseguia se desvencilhar dos artefatos.

— Ester! — Ricardo pulou dentro do rio, tentando agarrá-la e levá-la para a outra borda. Ela debatia-se, tornando tudo muito mais difícil. Ricardo puxou-a pela mochila, e ao chegar à borda, ela a atirou longe, tossindo a água que havia aspirado.

— Você está bem?

Ela continuou tentando respirar, como se tivesse emergido de um longo mergulho. Fez um sinal positivo com os dedos e deitou na grama. Começou a rir. Sua roupa estava encharcada, tal como a de Ricardo.

— Foi por pouco. — Ele disse.

— É, foi... — ela concordou. Ele se recusava a acreditar que a *banshee* anunciara a morte de Ester. Impossível. Ele teria de encontrar *outra* vítima.

— Você ainda quer procurar o acampamento? — Questionou.

— Sim — disse ela, secamente. Desfez a atadura de seu pé e o expôs ao sol, enquanto tirava sua blusa e a camisa que usava por cima, e as estendia ao seu lado, na grama. Permaneceu apenas de calça e sutiã.

— O que foi? — Ricardo a encarava com um misto de pudor e vergonha. — Não vou me resfriar por ficar de roupa molhada só pra não te mostrar nada.

Ele riu, mas estava constrangido. Virou de costas para ela e fez o mesmo. Notou que sua mochila ainda estava do outro lado do rio e aproveitou para ir buscá-la enquanto suas roupas secavam. Ester deitou-se no gramado. Ele observou o bosque, especialmente onde acabara de ver a aparição. Mas nenhum sinal. De vida ou morte. Tudo estava estranhamente quieto, exceto pelo som do riacho. Atirou a mochila de uma borda à outra. A mesma aterrissou a pouco mais de um metro da borda do rio com um estrondo que denunciava a presença das armas pesadas.

Ester fez uma expressão irônica e bateu palmas.

— Voltei. — Disse, deitando, assim como a garota. Vestia apenas uma cueca do tipo boxer que pingava água. Relaxou no sol por um tempo, mas se sentia vulnerável, exposto, frágil. Não somente por sua nudez parcial, mas pela aparição da banshee. Sentia-se impotente frente a uma ameaça que não

conseguia compreender.

Ele não a compreendia, e isso era o que mais o assustava. Não o prospecto da morte toda vez que a via. Mas o quanto ele não a entendia.

— Você realmente acredita que esse acampamento exista?

— Eu preciso acreditar.

— Por quê?

Ester virou-se, apoiando-se sobre os braços, de forma que seu rosto ficava muito próximo ao de Ricardo.

— Eu cresci acreditando. E isso era o suficiente. Mas chega um ponto em que apenas crer não chega. Eu preciso saber. Eu preciso ver. Somente acreditar não torna algo real.

— Eu acredito.

— No acampamento?

— Não, na lenda toda. Na banshee.

— Então espero que saiba que você está em território mal assombrado.

— Como assim?

— Depois que as investigações foram fechadas, essa reserva foi construída. Dizem que tudo no limite das cercas é assombrado pelo tal espírito, mas ninguém nunca o viu. Todos da investigação foram afastados ou desapareceram. Alguns enlouqueceram. Poucos pisam aqui.

— Tudo isso pelo espírito?

— Não. Dizem que houve mortes brutais. O único sobrevivente do acampamento se suicidou menos de uma semana depois de ter sido resgatado. Os outros corpos nunca foram encontrados.

Ela olhava em seus olhos, oferecia conforto. Naquele momento, Ricardo soube que podia confiar nela.

— Eu tenho algo para te falar.

— Então fale. — Ela chegava mais perto.

Mas nenhuma palavra saía de sua boca. Em um ato de desespero, beijou-a, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio com a surpresa. Seus lábios eram macios e quentes, e ela não hesitou em continuar o beijo. Entretanto, Ricardo não podia evitar lembrar-se dos lábios frios e gélidos de Mariana. Ester reclinou-se, ficando deitada por cima do corpo seminu dele.

E após o que pareceu uma eternidade, separaram-se. O coração de Ricardo batia cada vez mais forte, mas não por tê-la beijado. Por ter quase confessado, quase admitido que ele podia ver a banshee. Não sabia como ela iria reagir, se acharia que ele estava louco também.

— Acho que já podemos nos vestir. — Disse Ester, agarrando sua blusa. Ele não sabia bem o que fazer, então se vestiu.

E os dois começaram uma caminhada lenta, na direção que Ester apontava. Tentou consultar seu mapa, mas estava no bolso da calça, e mal se podiam distinguir as linhas, devido ao banho que levava.

Ela mancava menos. Talvez fosse seu corte se curando ou talvez ela houvesse decidido encarar a dor. Muito provavelmente a segunda opção, uma vez que, a cada poucos passos, ela usava uma faquinha pequena para causar dor em sua mão. É mais fácil encarar uma dor criando uma nova.

De vez em quando, ela ainda tentava alcançar Pedro em seu *walkie talkie*, que também fora inundado. E se convencia de que o motivo de não alcançá-lo era esse — provavelmente a água havia danificado o aparelho. Era simplesmente horrível pensar que Pedro a havia abandonado.

— Ricardo! — Exclamou, apontando para um pequeno cercado de arame farpado que dividia a clareira onde estavam. — Estamos perto!

O local era uma grande extensão de terra coberta por gramíneas e outros tipos de vegetação rasteira. Era quase alheio ao robusto bosque do qual haviam emergido. No entanto, havia algo sobre o local que o fazia andar com mais cautela. Era uma aura sombria, como se sentisse algo ruim. A exata sensação que tivera ao ver a banshee pela primeira vez, na janela.

Ela foi com entusiasmo, atirando sua mochila para o outro lado. Algo sobre aquilo não parecia certo. Estava tudo muito quieto, como se toda a vida acabasse antes da cerca.

— Cuidado! — Gritou, ao notar. Toda vida era mantida fora da cerca. — A cerca é eletrizada.

— A estação de guarda! É real, Ricardo! Chegamos ao acampamento!

Ela se esgueirou e passou por entre os fios, chamando-o do outro lado. Cuidadosamente, ele atirou sua mochila e passou em seguida.

Alguns metros à frente, encontraram o que uma vez havia sido uma cabana, mas que agora não passava de pedaços de madeira saindo do chão, amontoados em cantos, como projetos de fogueiras para resgate. Partes do solo pareciam ter sido parte de um incêndio antigo, e nunca se recuperado, como uma máquina do tempo, refletindo outra era, tão diferente da do retiro.

Ela atirou sua mochila em um canto e se permitiu sentar, realmente descansar desde que saíram de casa, como se tirasse um peso de suas costas.

Então seria verdade. Havia um acampamento, oculto no meio da selva.

Ricardo não conseguia ficar no mesmo local. Isso significava que a

banshee poderia ser real. Ele sentia o cheiro de morte.

— Ester, eu vou tentar caçar alguma coisa. — Disse, pegando uma foice, uma faca e uma machadinha. Saiu apressadamente, mas decidido. Não sabia ao certo como era uma verdadeira caça. Nunca fora do tipo que mata por diversão.

. Isso o fazia lembrar-se de Mariana.

Não! Ele matava para continuar vivo

— Okay. Me encontra aqui de volta, antes do sol se pôr. A gente tem que voltar para a cabana contar para o Pedro.

Ricardo fez um gesto de reprovação com a cabeça, mas Ester não o viu. Tentava ver tudo o que havia ao redor, como se estivesse gravando cada milímetro quadrado da área em sua mente.

Não conseguia ver onde terminava a cerca. Consequia distinguir, a uns dez quilômetros adiante, o que poderia ser a estação de guarda, mencionada nas histórias de seu avô. Provavelmente, essa era a área com as pistas. Era real!

Não muito após Ricardo já estar fora de seu campo de vista, começou a vasculhar.

Mas as instalações que encontraram não parecia ter sido a cabana do acampamento, e sim algo instalado depois. Pela distância dos fios que ligavam a cerca à estação, assumiu que aquele local poderia ter energia elétrica. E então lhe ocorreu. Aquela era a instalação dos trailers dos investigadores, com a estação policial. Se isso fosse verdade, por que haveria restos de fogueiras de socorro?

Contou três.

Três fogueiras. Era definitivamente uma mensagem de fumaça. Apenas duas estavam com marcas de que haviam sido acesas.

Teriam eles sido resgatados, que nunca chegaram a acender a terceira?

A não ser que os policiais tivessem sido abandonados também.

Ou perseguidos.

O pensamento fez com que um calafrio percorresse sua espinha. Deu mais alguns passos à frente, onde um pedaço de tecido, com marcas de envelhecido pelo tempo estava parcialmente enterrado. Puxou-o, notando que de um local pendia um objeto. Era um bolso, e o objeto que se postava era brilhante. Aproximou-se para pegá-lo. Era um velho distintivo, enferrujado, onde se podiam ler duas palavras:

— Detetive Rosa. Pai.

Assim que o guardou na mochila, surgiu do bosque uma pessoa correndo em sua direção, o que a fez ficar em pé, alarmada. A pessoa tinha no rosto uma expressão de pavor.

— Cerca! — Apontou, mas tarde demais. Joana já havia segurado na cerca para ultrapassá-la, e ela foi lançada alguns metros para trás, em um grito agonizante.

— Joana! Meu Deus, Joana! — Ester atirou sua mochila e passou a cerca.

— Mari-a-na. — Tentava falar, mas as palavras saíam cortadas. Ricardo saiu do mesmo bosque, carregando um pequeno cervo, morto, e correu ao ver Joana caída ao chão. Ambos ajudaram-na a passar a cerca e sentar nas estruturas de madeira do outro lado.

— Aqui — disse Ester, oferecendo-lhe um pouco de água.

Ricardo pôs o cervo que trouxera no chão. Enquanto Ester tentava acalmar Joana, ele pegou uma faca e começou a dissecá-lo, espalhando sangue e vísceras pelo chão.

— É a Mariana!

Joana estava visivelmente nervosa, balbuciando, como se há pouco tivesse chorado.

— Eu me perdi e fui junto ao rio e... ah, meu Deus.

Ricardo parou de abrir o animal com a faca à menção do rio. Uma sensação gelada fez todo seu corpo ser sentido.

— Eu a vi. Morta. Na água. É a Mari.

— Você tem certeza? — Questionou Ricardo.

— Te- tenho. Eu vi. Aqui tem mad-eira. A gente tem... que... mandar um si... nal.

Ao ouvir, Ester fechou sua expressão, que antes era levemente amigável.

— Não. — Disse, de forma abrupta.

Joana parecia confusa.

— Como... assim?

— A gente não pode queimar o que tem aqui.

— Claro que... podemos...

— NÃO. — Ester havia se posto em pé.

— Qual é seu problema? — Joana agora usava um tom acusatório, que de alguma forma suprimia os gaguejos. — Mari morreu!

— Você não vai queimar nada, entendeu?!

— ESTER! — Ricardo tentava tirar o machadinho que a garota

apontava para Joana de sua mão. — Calma.

Embora tentasse contê-la, estava com os olhos fixos em Joana. Uma onda de pânico percorria seu corpo. Então ela sabia que Mariana havia sido assassinada.

— A MARI TÁ MORTA! QUER ME MATAR TAMBÉM?

— Você não vai queimar NADA! — Ester gritava, furiosa, fazendo com que suas veias pulsassem quase de forma quase audível. Apontava a arma de forma ameaçadora a Joana.

Ela deferiu o primeiro golpe, que fez com que Joana começasse a correr. Mas Ricardo foi mais rápido. Não podia deixá-la voltar ao retiro. Ela sabia do corpo de Mariana. Ele a empurrou, fazendo com que ela caísse em cima de algumas armas. Joana pegou uma foice e tentou atacar Ester, fazendo um corte em seu braço. Uma linha vermelha e escura denunciava o local onde a foice a acertara. Ricardo a empurrou para longe mais uma vez. Ela então se levantou e tentou correr, mas Ester a alcançou e com um golpe furioso cravou o machadinho no pescoço da menina, que foi derrubada ao chão brutalmente, com um banho do próprio sangue.

De repente, o grito cessou. O grito que Ricardo sequer ouvira.

A banshee. Mais uma morte.

Ele só fazia encarar o corpo, com uma expressão de choque, enquanto Ester calmamente ajoelhou-se ao lado e arrancou o machadinho. Era surreal. A expressão calma que agora tomava o rosto da amiga, o corpo ensangüentado no chão, próximo ao cervo parcialmente aberto.

— Ela me atacou primeiro. — Justificou. Mas ele não prestou atenção, estava abismado.

Ricardo não ousava olhá-la no olho. A nenhuma delas.

— O corpo, Ester.

— Eu sei. Bom, a gente não pode jogá-lo no rio.

E então ela sabia. Ele sabia que Ester havia ligado os pontos, e descobrira seu crime. Mas ela havia acabado de cometer um.

Não pelos mesmos motivos.

— O que a gente faz com ele, então? — Perguntou Ricardo.

Ainda que conseguissem esconder o corpo, quem garantiria que não seria encontrado, como o de Mariana fora? Pensou poder levá-lo mais para dentro da floresta, encontrar um local para cavar. Não possuíam nenhuma pá com eles, teriam de usar as mãos. E quem sabe depois, fugiriam, sem olhar para trás. Um dia encontrariam a saída. Algumas horas de caminhada seriam

suficientes para encontrarem a via do ônibus. A reserva não poderia ser tão longa assim. Tentou recordar a viagem de vinda. Foram várias horas dentro do ônibus. Não havia prestado atenção no caminho.

Ainda tinha o problema da Banshee. Seria ela pertencente ao local, e o deixaria em paz se dali ele saísse?

E, com uma olhada para a carne cortada do cervo, ela respondeu, com uma frieza na voz que fez um arrepio percorrer todo o seu corpo.

— Janta.

CAPÍTULO 4

Talvez uma das mais notáveis características da espécie humana seja a diferença entre os indivíduos. Dos bilhões existentes no planeta, é raro encontrarmos alguém com os exatos atributos físicos. Exatamente na diferença é que temos nossa igualdade. Somos todos diferentes uns dos outros, embora muitas vezes o mais confortável seria não sermos. Todos já acordamos, alguma vez, pensando em como seria bom não sermos tão diferentes dos outros. É um erro querer se assemelhar a algo, quando o que mais fascina a respeito de nós mesmos é como somos únicos.

Ao inserir a faca com um pequeno ruído de carne no peito de Joana, Ricardo não conseguiu manter sua mente longe do pensamento que, no fundo talvez não sejamos tão diferentes assim. Músculo, osso. Gordura, pele. Com um corte, havia arrancado-lhe a roupa. Ester se mantinha estranhamente quieta. Após dois cortes fundos, o primeiro pedaço já não mais fazia parte do corpo. Havia quase exposto o fêmur direito de sua vítima, enquanto Ester imitava seus movimentos na outra perna, como se dissecassem um corpo para seu estudo. Artérias, veias e nervos.

Na verdade o ato mais parecia a desossa de uma ave para a ceia de natal. A dissecação de corpos é complexa e lenta, delicada e artística. Após as primeiras investidas na faca, já a afundavam sem prestar muita atenção, dilacerando as estruturas em seu caminho. Colocaram as roupas sobre o rosto dela, que exibia ainda uma expressão de pleno pavor.

O gramado ao redor estava manchado com sangue, assim como os braços e a roupa dos dois. Não mais se importavam. O cheiro de carne humana consumia o ar, tornando-o difícil de ser respirado. Ricardo engolia em seco.

Sacou uma faca maior e mais enferrujada de dentro da mochila. Usou-a para abrir o peito e abdome de Joana.

A confusão de sangue e vísceras o fazia se sentir nauseado, enquanto Ester sequer mudava a expressão vaga de seu rosto. Fazia tudo com destreza e cautela, como se não fosse sua primeira vez arrancando carne de um corpo.

— Não é muito diferente de um animal, não é? — Disse Ricardo, na tentativa de que aquilo fosse mesmo verdade. Não conseguia diminuir o peso

de seus atos com palavras. Mas queria, desesperadamente.

— Não mesmo.

À medida que iam empilhando os pedaços do corpo de Joana, desprovidos de pele, misturavam-nos com os do cervo. Após um tempo, nem mais eles sabiam o que era o que. Livraram-se dos pelos do animal e de seus ossos, apenas mantendo a cabeça. Agora, o corpo de Joana parecia ter sido atacado por uma ave de rapina. Colocaram a carne, ainda sangrenta, dentro de um plástico que carregavam na mochila, especialmente para caças. Assim evitariam contaminar a comida com as moscas que já pousavam no corpo.

Com um olhar, haviam concordado. Caminharam até a floresta, cavaram da melhor maneira possível um buraco com suas próprias mãos e se dispuseram dos restos do corpo da companheira de retiro. Ela havia morrido de olhos abertos, fixos no caminho que o golpe de Ester a havia impedido de seguir.

Jogaram a terra em cima, e não olharam para trás.

Agora, ela nada mais era que um amontoado de órgãos em deterioração, pedaços de pele e carne. E uma mancha enorme de sangue que pintava o gramado de um vermelho intenso, apavorante.

O aperto no peito de Ricardo era reflexo do que acabara de fazer, e se intensificava a cada respiração.

Atravessaram a ponte equilibrando-se no que ainda restava dela, um por vez, tomando cuidado para não caírem novamente na água. Apenas retornaram para tentar lavar um pouco do sangue em seus braços e rostos.

O trajeto de volta ao retiro foi percorrido com um mórbido silêncio, que sequer fora quebrado nas vezes em que se perderam. A caminhada foi exaustivamente longa. Por vários trechos, Ricardo carregou a mochila com os pedaços de Joana. Sentia como se pudesse vê-la em suas costas. Como se pudesse sentir a respiração dela em sua nuca. A cada passo, podia sentir o ar bater em seus cabelos desgrehados. E, se fechasse os olhos, ela estaria ali.

Nos últimos minutos, se guiaram pela fumaça que uma fogueira acesa no retiro causava. Ricardo sentia calafrios aos se aproximarem. Somente agora Ricardo percebia estar com frio e cansado. Exausto, não apenas fisicamente.

Não havia dormido propriamente desde o assassinato de Mariana, na noite em que saíram à caça do antigo acampamento.

Houve um pacto, implícito, entre ambos. Nenhum comentaria sobre a morte de Joana. Era um segredo muito mais profundo que o beijo, muito mais

ameaçador que qualquer um que já haviam guardado. Enquanto o segredo existisse, ambos eram cúmplices. Quando viesse a tona, eram assassinos.

Estavam todos reunidos em um círculo ao redor da fogueira. Um pequeno pedaço de carne jazia espetado próximo a mesma. Por um momento, Ricardo se sentiu culpado de não ter ficado e auxiliado na caça. Muitos deles estavam ocupados procurando por Mariana e Joana para que voltassem suas mentes à sobrevivência. Era algo muito egoísta de se fazer, deixar de procurá-las para cuidar de si mesmo. Ironicamente, era a atitude mais certa. Nem sempre os sentimentos são úteis. Na maioria das vezes, não o são. Mas é a tendência natural, afinal de contas. Sentir é deixar de lado o que é racional.

O primeiro a avistá-los foi Adriano, um menino magro que ostentava quase 1,90m de altura e cabelos louro-claros. Seu rosto não possuía qualquer expressão receptiva. Estava abraçado em outra garota, cujo mesmo tom de cabelo fez com que Ricardo por um momento acreditasse que pudessem ser irmãos. Mas ele a conhecia, ainda que de vista. Seu nome era Emily, e não se lembrava de já tê-la visto na companhia de Adriano.

Então Ester correu na direção dos jovens, ao ver Pedro. Ele segurava seu walkie talkie firme em suas mãos, e levantou em uma corrida para abraçá-la.

Ela agora trazia um sorriso em seu rosto que fez Ricardo olhar para qualquer local, menos para o do reencontro.

— Trouxemos carne. — Anunciou.

— Mariana e Joana ainda estão desaparecidas. — Disse Martins, pegando a mochila que Ricardo carregava. — Acho melhor preparar isso aí.

Ele encarou o sol que já se postava quase no horizonte, fazendo com que toda a mata se iluminasse com um brilho alaranjado. Faltava pouco tempo para que a noite chegasse mais uma vez.

— Preciso dormir um pouco. — Disse Ricardo, fazendo com que Ester virasse SM sua direção.

— Já estou indo lá. — Ela respondeu, mas Ricardo não quis esperá-la. Algo sobre o reencontro o fizera repentinamente mudar de humor. Entrou na cabana e foi procurar seu colchão. Algumas de suas roupas estavam atiradas em cima do mesmo. Não se lembrava de tê-las deixado dessa forma. Somente havia mais um jovem na sala.

Ricardo sorriu para ele de forma a cumprimentá-lo, este sorrindo de volta.

— Você soube? — Perguntou.

Ricardo fez uma expressão confusa que o motivou a continuar.

— Os desaparecimentos.

— Ah, sim. Isso é horrível, quem sabe onde elas devem estar a essa hora.

— Não acho que elas estejam vivas.

Ricardo tentou não olhar para sua camiseta manchada pelo sangue de Joana enquanto conversava com o garoto.

— Felipe. E você?

— Ricardo. — Disse, tirando a roupa e procurando algo confortável dentro de sua mala.

O garoto sorriu novamente e se recostou no próprio colchão, o qual se situava muito próximo ao de Ricardo, separado por apenas um, sobre o qual se postava uma mala praticamente intocada.

— Esse era o de Mariana.

— Era? — Questionou Ricardo. O uso do verbo no passado fez com que seu coração palpitasse, por um momento.

— Como eu disse, não acredito que elas estejam vivas.

Ricardo vestiu uma camiseta cinzenta e uma bermuda de esporte, por cima de sua roupa íntima que notou ainda estar um pouco úmida. Sequer ligou. Achava estranho ter caminhado por horas e ela ainda não estar seca. Percebeu que não estava mais tão quente como quando chegaram. O vento que batia na janela quebrada abaulava um pedaço de papelão colocado para substituir o vidro.

O cheiro de carne enchia a cabana. Não ouvia as vozes dos outros. Por momentos, ficou observando Felipe fechar os olhos, descansando. O garoto tinha um cabelo castanho claro, não muito longo nem muito curto. Era um pouco crespo. Mas não conseguiu observá-lo por muito por sobre o colchão vazio de Mariana. Virou, ficando de costas para ele.

Após alguns minutos, era como se a menina estivesse lá, dormindo. E caso ele virasse, daria de cara com seus cabelos a se espalharem pelo chão como ramos de uma planta.

Não teve coragem de olha novamente, até cair no sono na estranha sensação de ser observado, e não apenas por Felipe.

Seu sono foi perturbado pela fumaça que penetrava o local. Por vozes, por risos. Por um grito. Tentou se convencer de que era apenas um sonho ruim ao se levantar. Dirigiu-se ao banheiro, um pequeno cômodo escuro com água encanada, captada de um poço próximo à cabana e armazenada em uma caixa d'água. Lavou seu rosto, a lanterna que havia levado para iluminar o

cômodo repousando no chão. Havia um pequeno espelho, que pendia torto da parede de ladrilhos encardidos pelo tempo. Nos cantos, havia uma espessa teia de aranha, para onde Ricardo não olhava por muito tempo, embora apenas a ciência de sua existência o deixasse apreensivo.

Levantou os olhos para seu reflexo. Possuía olheiras profundas e denunciava cansaço em sua expressão. Seus cabelos agora eram uma massa morena desgrenhada, e vários pêlos cresciam desordenadamente em sua face, resultado dos dias que passara sem fazer a barba, ainda que esta fosse rala.

Notou diversos cortes pequenos em sua face, já em processo de cicatrização. Tirou a atadura do corte em sua mão e o lavou sob a água gelada. Fechou os olhos para a sensação de ardência, relaxando momentos depois com o alívio de sentir o local limpo. Precisava aplicar mais álcool para evitar infecções, sobretudo após o contato com a água do rio.

Desligou a torneira e deixou seus olhos repousarem por um momento, fechados, apenas ouvindo os sons de conversa que vinham de fora. A pequena janela denunciava que a noite já havia chegado. Não conseguia mais abrir os olhos e encará-lo, ali. Como se ficar sozinho com si mesmo fosse insuportável.

Foi acordado de um estado de quase transe com um baque produzido com o choque de sua lanterna contra o chão. Ainda que estivesse preparado para ter de encarar o breu, a lanterna não se desligou. Juntou-a do chão e voltou sua atenção ao espelho. Dessa vez, não apenas seus olhos cansados e inóspitos o encararam de volta, mas também uma confusão de fios dourados que encobriam um rosto apagado como a noite, no qual se postavam olhos que pareciam não ter íris, embora dessem a certeza de estar o encarando através do reflexo. Seu primeiro instinto foi virar para trás, mas não havia ninguém lá. Ao olhar novamente para o espelho, apenas o seu reflexo. Saiu do banheiro o mais rápido que pode. Sentia-se ofegante, cansado, pesado.

Os outros haviam espalhado lampiões pelo local, mas não havia ninguém na cabana. Estavam todos reunidos em torno da fogueira, onde uma estrutura improvisada segurava os espetos de madeira com a carne. Sentavam-se no chão ou em troncos de árvores velhas. Felipe estava recostado na porta da cabana, em pé. Todos os outros conversavam entre si. Seus olhos instintivamente caçaram os de Ester, que estava com a cabeça apoiada em Pedro, fazendo-o parecer muito maior que ela.

Ela o olhou de volta, mas seu olhar não permaneceu em contato com o dele, sendo desviado para Emily, que conversava com ela.

— Oi. — Disse para Felipe. — Cansou deles?

O garoto sorriu.

— Não. Estou pensando longe.

— Mari e Joana?

Ele concordou com um aceno.

— Não tem nada que a gente possa fazer agora, além de procurar.

— Não. Algo me diz que elas estão mortas.

Embora soubesse de fato onde ambas estavam — uma nas águas do riacho, uma na fogueira a poucos metros deles, ouvir que estavam mortas o fez ranger os dentes. Era difícil quando ouvia de outras pessoas, trazendo um peso em sua consciência, do qual pensava estar livre.

— Você era próximo de alguma?

— Joana.

— Nossa, por que não disse antes?

— Como você disse, não tem nada que possa ser feito.

O coração de Ricardo começou a bater mais forte, enquanto ele era consumido por uma sensação que julgou ser de remorso. Culpa.

Apesar de temer que Felipe percebesse seu nervosismo, abraçou o garoto, acolhendo-o nos braços como a um irmão, mas seus olhos não largaram o rosto de Ester, iluminado pela luz do fogo que queimava a carne de Joana.

Quando o largou, pode ver que os olhos de Felipe denunciavam emoção. Devia ser difícil, um amigo desaparecer, sem deixar rastros. Sumir.

Deve ser como ser abandonado. Disso Ricardo entendia. Sentia falta de seu pai, mas, sobretudo, raiva por ele o ter abandonado da forma que o fez. E no fundo Ricardo esperava que ele, também, estivesse morto.

— Vocês vão querer? — Gritou Pedro, cortando pedaços das carnes com uma faca. Os outros formaram uma pequena fila e iam pegando os pedaços com as mãos à medida que iam sendo cortados.

Não tinha como saber qual era a carne de cervo e qual era a humana. Para ele, a semiescuridão fazia com que ficassem idênticas. Mas ele estava faminto.

— Vem. — Disse Felipe, encaminhando-se para os arredores da fogueira. Ricardo o seguiu de forma mecânica. Todos exceto Felipe pareciam felizes, como se tivessem se esquecido de Mariana, Joana e Lúcio. Seguiram normalmente.

Talvez devesse fazer o mesmo.

Mas a aparição da banshee no banheiro o fazia crer que não fosse capaz de esquecer tudo. Ou talvez aquilo tivesse sido coisa de sua imaginação.

Pegou seu pedaço de carne, que como os de Ester e Felipe, havia sido cortado de uma porção magra e espessa.

Como uma coxa humana.

Voltou à porta da cabana, na companhia de Felipe, sentando em um lugar de onde pudesse ver Ester. Ela já mordida seu pedaço de carne de forma a sujar o rosto. Todos comiam como se tivessem famintos há tempo — e talvez estivessem. Ele próprio o estava.

Agora, a sensação de culpa havia migrado para o nojo.

Deu a primeira mordida. O gosto era semelhante ao de carne de porco. Torceu para ser o cervo. Mordeu mais uma vez.

Ester já havia quase terminado seu pedaço. Comera mais rápido que todos, com uma expressão no rosto que indicava prazer. Talvez ela estivesse realmente faminta, ou talvez estivesse genuinamente gostando do que provara. A verdade era que todos pareciam satisfeitos com a refeição, atacando os pedaços de carne como cães de rua.

Um deles com certeza estava comendo os pedaços de Joana, uma vez que toda a carne havia sido assada, de forma a ajudar a preservá-la. Também, havia marcas de corte em todos os pedaços assados. Quem seria o sortudo que estaria saboreando alguém que horas atrás estavam procurando?

Ao ver Ricardo a encarando, Ester lambeu os lábios e sorriu de forma maliciosa, denunciando o quanto se deliciava com a situação. Talvez ela estivesse brincando com ele, uma vez que era nítido no rosto do garoto o medo.

Medo de ter comido carne humana.

Medo de ter gostado.

E se não fosse brincadeira?

Após todos comerem, a carne foi guardada em pacotes plásticos. Em algumas horas, a fogueira se tornou apenas um fogo crepitante que mal era suficiente para aquecê-los. Não muito tempo depois, a aura de alegria anterior já havia desaparecido, dando lugar ao peso da real situação deles.

O professor, morto, sepultado a poucos metros dali.

Dois desaparecidos, mortos.

Eles presos por pelo menos mais cinco dias.

Um a um, começaram a se dirigir para a sala dos colchões.

Devia passar da meia-noite. Ricardo permaneceu sentado na soleira da

porta até que Ester, que havia ficado para trás, passasse.

— Ester, a gente tem que voltar ao acampamento o mais rápido possível.

— O tom de seriedade em sua voz a fez cruzar os braços, preocupada.

— Isso é por causa da Joana, né? — Questionou, mantendo a voz baixa.

— Não. — Ele respondeu. — É mais sério que isso.

— A gente tem que voltar lá. Sozinhos.

— Por quê?

— Confia em mim.

— A gente sai ao amanhecer. Confia em mim, também. Por quê?

Ela estava com o rosto tão próximo do dele que conseguia sentir sua respiração. Era uma tentativa de intimidá-lo.

E em um quase sussurro, apenas alto o suficiente para que ela ouvisse, disse, fazendo com que um calafrio percorresse o corpo da garota.

— Eu vi a banshee.

CAPÍTULO 5

Ele teve um sono perturbado. Sonhara com as meninas mortas, e elas vieram em seu sonho como os zumbis dos filmes, caminhando devagar com seu rosto putrefado e conservando os ferimentos — enquanto Mariana exibía um enorme corte em seu crânio, e estava inchada como se tivesse absorvido muito da água do rio, Joana era apenas uma carcaça aberta e sem pernas que se arrastava pelos braços também desfigurados.

Acordou ofegante. Havia contado a Ester que vira a banshee, e talvez ela acreditasse nele, e não podia exigir que o fizesse. Agora que analisava o que dissera, conseguia ver o quanto soara louco, insano. Se fosse o contrário, talvez ele tivesse fugido sem olhar para trás.

Ainda estava escuro quando saiu do seu colchão e tateou o chão a procura de sua mochila de roupas. Agarrou a primeira muda que conseguiu e se dirigiu ao rio para que pudesse tomar um banho antes que todos acordassem. Provavelmente a cabana tinha água provinda do riacho, mas não tinha tempo para isso. Passou por Ester e pensou em cutucá-la, mas deixaria que ela decidisse por si própria se iria segui-lo de volta ao local ou se ficaria com o pessoal do acampamento.

A água gelada de encontro ao seu corpo nu era como acordar de um sono profundo. Ele sentia cada centímetro do seu corpo, cada fio de cabelo. Deixou que a mata e o escuro se tornassem uma coisa só, e mergulhou. Não sabia quanto tempo tinha ficado embaixo da água, mas a sensação de nada, a fusão dos sentidos que aquilo lhe proporcionara era como um êxtase. Deixasse livre de tudo que podia ver, ouvir ou sentir, e passar a ser apenas a água por todos os lados.

Ao abrir os olhos de volta à superfície, ela o encarava de volta — o entremeado de cabelos dourados postava-se a poucos metros de si. A criatura vestia roupas rasgadas, lembrando um vestido longo branco quase angelical, e parecia flutuar sem encostar-se ao chão. Seus olhos exibiam um vazio escuro como a noite, e ela se fundia às sombras, dançando conforme o vento.

Tudo ao redor parecia responder a ela, exceto Ricardo, que ficara parado, paralisado, olhando fundo onde os olhos dela deveriam estar — e onde apenas existia um buraco vazio e negro. O resto de seu rosto tinha o

semblante de uma jovem, com um tom de inocência. A correnteza parecia ter ficado mais rápida e o vento soprava mais gelado.

E então ela abriu a boca, formando em seu lugar uma espécie de buraco fantasmagórico e seu grito invadiu a cabeça de Ricardo, fazendo-o ficar tonto. Parecia vir de todos os lados e ao mesmo tempo de lugar nenhum. Tentou correr para fora do riacho, mas a pedra na qual se apoiava cedeu e ele foi violentamente jogado para trás e arrastado pela correnteza. A água pareceu infinitamente mais funda. Tentou gritar, mas aspirou uma grande quantidade de água. Mesmo sob a superfície, o grito dela continuava a confundir seus sentidos.

Da outra margem, um corpo surgiu correndo da cabana.

— Aqui! — Gritou, tentando estender-lhe a mão. Ricardo procurou alcançá-la para se içar de volta à margem, mas cedeu à correnteza e foi jogado em direção a um rochedo. Felipe percorria o mesmo percurso da margem ao seu lado.

Ricardo acertou as rochas com suas costas, o que lhe causou uma dor excruciante, mas conseguiu puxar a mão de Felipe e se arrastar para a borda. Ao escalar o barranco, no entanto, impulsionou o menino para dentro da água, que bateu a cabeça nas rochas e despencou na água.

— Não! — Gritou. Antes de mergulhar, lançou um olhar à margem onde havia visto a banshee, mas ela não estava mais lá. E de repente a água pareceu se acalmar.

Pulou a alguns metros das rochas procurando Felipe.

Os primeiros raios de sol já surgiam no céu, e a água se tingia de vermelho.

— Não! — Gritou ao finalmente alcançá-lo. Ao puxá-lo, teve a certeza: ele estava morto. Arrastou o corpo inerte para a margem. A correnteza parecia ter desaparecido, e o córrego assumia a calmaria de um lago ou uma sanga.

Alguns dos outros corriam em direção aos gritos que vinham da água. Ricardo emergiu, nu, carregando o corpo de Felipe nos braços, tremendo — ou de frio, ou de vergonha ou de profundo choque. A primeira a chegar fora Ester, que estava boquiaberta.

— O que aconteceu? — Perguntou Adriano, pondo-se ao lado da garota. Ele largou o corpo no chão e foi se vestir.

— O que caralhos aconteceu aqui?! — Gritava Emily, se juntando aos outros. — MEU DEUS, FELIPE?

— Eu tava me afogando, ele tentou me salvar, e...

— Você matou ele. — Disse Pedro, com um tom de voz grave que pareceu silenciar todos os barulhos ao redor. A fala dos outros, os suspiros assustados e até mesmo o cantar dos pássaros.

— O quê? — Rebateu Ricardo.

— É isso mesmo. Você. Matou. Ele.

— Que absurdo, Pedro. — Deferiu Ester. — Eu tenho certeza de que ele pode explicar.

— Explicar? — Disse Emily, começando a ficar histérica. — Ele MORREU.

Ricardo andou depressa para dentro da cabana, seguido pelos outros. Estava atordoado com a confusão de sons que se misturavam ao nascer do dia e à lembrança dos cabelos vermelhos voando, o grito que transfigurara a face da criatura e o estranho comportamento das águas do rio. Era impossível que somente ele tivesse notado tudo isso, estivesse *notando* tudo isso.

Estava desesperado e precisava dar um fim em tudo. Talvez a tragédia que a banshee tanto anunciasse não tivesse algo a ver com nenhum dos outros, mas consigo. Ela estava conseguindo fazê-lo enlouquecer aos poucos, cometer atrocidades que o faziam ficar cada vez menos humano.

Andava em círculos tentando processar tudo.

— Pedro, para! — O garoto havia entrado na cabana correndo, e ela tentava segurá-lo, mas ainda mancava um pouco por causa do seu machucado no pé. Ele correu até Ricardo e o segurou pela gola da camiseta úmida.

— Você vai dar o fora daqui! — Gritou ele, acordando Martins, que permanecera na cabana.

— Ou o quê?

— Vou te matar como você matou ele, seu bosta. — Disse, cuspiendo no rosto de Ricardo e o empurrando para trás. Ele caiu em cima das mochilas no colchão com um barulho metálico — as armas.

— Ele não fez nada, Pedro. — Ester se pusera entre os dois.

— Tu pode dizer o que quiser, mas ele fez sim.

— Não precisa me expulsar. Eu saio sozinho. — Disse, agarrando as mochilas que conseguiu. Suas roupas e as armas. Saiu com passos fortes, batendo a porta atrás de si.

— Ricardo! — Gritou Ester, agarrando algumas coisas dela e o seguindo para fora.

— O quê?! — Pedro a seguiu por um momento, agarrando seu braço.

Com um soco, ela se esquivou.

— Se ele for, eu vou junto.

Ele a deixou ir sem olhá-la novamente.

Eles caminharam um na frente do outro sem trocar palavra. Ela mancava tentando acompanhar o ritmo rápido dele. Percorreram o caminho até a ponte mais uma vez, e parecia ser estranhamente mais curto.

— Aonde vamos? — Disse ela, finalmente.

— Eu preciso entender o que tá acontecendo. — Respondeu ele, jogando as mochilas para o outro lado do riacho para passar pela ponte de madeira.

Chegaram novamente aos resquícios da cabana com as fogueiras, mas Ricardo continuou caminhando em meio à clareira, seguindo a cerca elétrica. Ester caminhou atrás.

— Você disse... que a viu? — Ela perguntou, enfim.

Ele não precisou olhar para ela para saber que existia muito mais naquela pergunta. Ela queria algo que confirmasse que tudo aquilo era real, e não apenas uma lenda, algo imaginado ou manufaturado.

— Por que você veio, Ester? — Ele sentou no chão, se deixando descansar um pouco. Tirou os calçados e esticou as suas pernas. Há alguns minutos havia notado o quanto ela mancava, e pensou que poderia haver algo de errado com seu ferimento, ainda que ela tentasse disfarçar o andar e fingisse estar tudo bem.

— Eu quero saber o que aconteceu com o meu pai. — Respondeu, fazendo o mesmo.

— Seu pai?

— Ele foi um dos investigadores do caso do acampamento, ele acreditava na história de que esse lugar podia ter algo... estranho acontecendo.

Ricardo apenas concordou.

— Você acha que ele pode estar vivo?

— Não. Mas acho que quando encontrarmos o antigo acampamento nós vamos entender um pouco mais. Não sei. Tenho essa sensação de que tem algo lá e eu preciso saber, Ric. Preciso.

Ela fechou os olhos, ciente da posição exata do distintivo de seu pai em sua mochila. Por momentos havia pensando como fora fácil encontrá-lo mesmo depois de vários anos, como se fosse imune às intempéries.

— Coisas estranhas aconteceram aqui. Antes e agora, e não podemos ignorar.

Ele sabia que ela se referia aos colegas. A Joana e a Mariana, e talvez a Felipe.

Mas ele não disse nada.

— Eu acho que você devia voltar com eles. Falta pouco para conseguirmos sair daqui. Eu preciso continuar, mas você pode voltar. Não quero que fique preso aqui para sempre.

— Eu não posso, Ester. Eles acham que eu matei o Felipe, e duvido que me deixem ficar com eles. E se você vai ficar sozinha, prefiro ficar aqui.

— E eles estão errados?

Ele olhou para baixo. Não era uma conversa que queria estar tendo. A lenda dizia que a banshee anunciava as mortes, mas ele as havia concretizado, como se oferecesse as almas ao espírito. Isso o tornava cúmplice. Culpado. Assassino. Não queria ser visto daquela forma, não queria nada daquilo. Mas toda vez que a avistava era como se uma onda de medo e irracionalidade percorresse seu corpo e nada pudesse fazer senão tentar escapar.

Era como se o espírito pudesse controlá-lo de alguma forma, como havia feito com a água do rio e com Lúcio, levando-o repentinamente.

— Você acha que eu o matei?

— Ele não é a primeira pessoa a morrer aqui.

Ele sabia que ela não ia o julgar. Ela o ajudara a matar e esquartejar uma pessoa. Ela era tão podre e fria quanto ele, e senão mais. Ela não enxergava a banshee, ela não entendia o que era o medo de ser a sua alma que o espírito queria e anunciava. Talvez fosse isso, a banshee quisesse a ele e ele estivesse apenas jogando com o tempo, entregando outros. Uma hora ela poderia vir buscá-lo e não teria ninguém para sacrificar como havia feito, e ele teria que se deixar ir. Temia estar próximo de Ester quando isso ocorresse e fosse obrigado pelo mesmo medo e irracionalidade a matá-la em seu lugar.

— Mas você quem disse que queria vir até aqui

— Eu quero saber tudo que puder sobre ela, e eu não acho que eu vá conseguir sair desse lugar. — Admitir em voz alta fazia tudo tomar uma proporção diferente. Dizer que ele acreditava que fosse morrer em poucos dias ou horas era confirmar o que sua mente o estava dizendo há horas e ele tentava se convencer de que não passava de uma paranoia.

— Não fala isso.

— Ester, a gente não vai ser resgatado. A gente tá indo pro lado errado enquanto todo mundo tá lá na cabana ou já indo pra borda, pra estrada. A gente nunca vai conseguir voltar lá a tempo.

— Vamos sim. Eles vão vir nos buscar no final da semana. A gente vai estar lá com os outros. — Ela levantou e estendeu uma mão para puxá-lo. Ele calçou seus tênis e logo voltaram a andar acompanhando a cerca elétrica.

— Se eu bem me lembro do mapa que eu tinha, o lugar fica a uns poucos quilômetros, mas não sei em qual sentido. Se a gente seguisse o riacho, ia chegar na represa, de lá são uns dez quilômetros, e eu sei chegar. Por aqui parece ser mais perto.

— Represa?

— É uma estaçãozinha de energia, eu acho que é de lá que vem essa da cerca, até. Deve ter gente lá, então qualquer coisa a gente sabe como ir para casa.

— Você podia ter dito isso pra todo mundo, Ester. Você podia ter dito isso assim que o Lúcio morreu.

Sua voz adquirira um tom acusatório, como se isso a tornasse responsável por tudo que passaram, pelas mortes.

— Pedro sabia, mas ele achou que a gente pudesse morrer no caminho ou não encontrar nada. A gente não sabe o que é verdade ou não aqui.

— Morrer no caminho? Isso é bobagem. Eu vi poucos animais por aqui. — Não havia parado para pensar, mas não sabia dizer quantos animais ao todo tinha visto, apesar de constantemente ouvi-los. Alguns cervos e capivaras, insetos e peixes. Mas no geral, o lugar parecia não ter muitos animais mesmo, o que o parecia inimaginável para uma floresta.

— Eu não sei se era disso que ele tava falando

E ele preferia se arriscar para encontrar uma represa, uma certeza de que havia uma conexão com o mundo fora da floresta do que um acampamento que poderia nem existir mais, ou ter alguma coisa.

— Quer saber, esquece isso de saber sobre a banshee. Eu quero ir para casa. Ester, eu acho melhor a gente achar esse lugar. Se tiver alguém lá eles vão saber sobre o acampamento e onde a gente pode achar.

Ela estava cansada e não queria discutir. Não queria encontrar uma saída, não queria ir para casa. Só queria encontrar o que viera buscar e nada mais. Mas talvez não fosse uma ideia tão ruim, já que a alternativa era percorrer a mata procurando algo que poderia não ser encontrado — ou pior, não surtir efeito. Preferia não encontrar o lugar a encontrá-lo sem respostas.

Não sabia o que estava procurando exatamente, guiava-se pelo sentimento de *algo* inexplicável. O algo a havia trazido até ali e a conduzia para frente, sem pensar na dor de caminhar sobre seu pé — que aumentava a

cada passo — e sem pensar no cansaço, na fome.

Conforme caminhavam pareciam ter adentrado outro ecossistema, com o sol obrigando-os a tirar os casacos por um calor abafado. Ainda que não houvesse nuvens aparentes, o calor era úmido e tropical como um verão chuvoso.

A cerca que seguiam acabava em um palanque, para continuar em outro sentido, fazendo uma curva de noventa graus. Um pouco a frente, o riacho aparecia mais uma vez, com suas margens mais afastadas e mais altas em relação à água.

— E agora, Ricardo? — Ester se sentou em uma pedra e contemplou por um momento as suas opções: seguir a cerca sem saber por quanto tempo ou seguir o riacho pelos quilômetros que faltavam para a represa. Uma terceira opção, voltar à cabana e aguardar a passagem dos dias lhe começava a parecer atrativa.

Ele se sentou no chão à sua frente.

— A gente segue o rio.

Ela mexia o pé machucado em círculos, tentando afastar a dor.

— Deixa eu ver esse pé. — Disse ele, puxando o calçado dela, uma botina preta que dava a impressão de ser muito grande para ela. A meia estava manchada de vermelho e marrom, em uma mistura de sangue e sujeira, e envolvia uma atadura úmida e fétida. Ele desfez o curativo para encontrar um corte que acumulava pus e edema. A pele ao redor do local era vermelho-vivo, quente e inchada, e ele sabia que se pressionasse conseguiria drenar. Foi o que fez. Apertou o local e ela grunhiu de dor. O pus amarelado e malcheiroso se derramou sobre a atadura e sobre a grama, e ele continuou apertando até que o líquido se tornasse vermelho e não pudesse sentir a flutuação sobre seu dedo. O pé estava quente, e ele colocou a mão na testa dela. Ela parecia febril.

— Ester, tu tá com febre.

— Eu sei, Ricardo, mas o remédio que eu trouxe já acabou. Tá feio né?

Ele apenas concordou e ela o jogou uma atadura nova que levava na mochila envolta em uma sacola plástica para não molhar. O corte parecia mais aberto e suas bordas exibiam uma cor estranha, como se o tecido tivesse começado a morrer.

— A gente tem que ir para casa logo, Ester. Isso tá muito feio.

Ela apenas calçou a botina e começou a andar, mancando.

— Vamos seguir o rio, então. — Disse, e andou na frente dele, sem olhar

para trás, para que não corresse o risco de ser tentada a voltar para a mata e procurar o acampamento. O sentimento de conformismo já se anunciava. Talvez não houvesse resposta a ser encontrada e todo mundo estivesse certo. Seu pai estava morto, e foi morto por psicopatas como ela e Ricardo, que por medo de um espírito entregaram sua alma, e ela estava destinada a morrer da mesma forma, na floresta, fugindo de uma lenda que não mais acreditava ser real, apesar de Ricardo dizer que a havia visto. Talvez fosse uma alucinação e ela estava se deixando levar por seu lado emotivo que tinha a esperança de que a explicação para tudo não fosse fria como a que a haviam dado, se é que “não se sabe o que aconteceu, mas ele provavelmente está morto” pode contar como algum tipo de explicação.

E enquanto caminhava, chorou.



Quando finalmente pararam para comer alguns pedaços de carne e beber dos cantis, o sol já não brilhava forte. As nuvens encobriam o sol do meio-dia e faziam parecer como o anoitecer. Eles conseguiam ver o ponto em alguns quilômetros onde as águas fariam uma curva e o riacho voltaria em sua direção, tornando prudente que o atravessassem naquele ponto. Haviam procurado o local com as margens mais estreitas, mas por muito pareciam ter o mesmo tamanho, senão aumentar conforme andavam.

— Se a gente não encontrar até o final do dia a gente volta pra cabana procurar os outros, tá? — Disse Ester. Ele sabia que ela havia desistido da ideia de apenas voltar no último dia por causa do seu pé. Estava mancando cada vez mais e sentia-se quente. Seu corpo todo doía e a febre fazia até mesmo seu olho ter uma sensação seca.

Após descansarem pelo que pareceu uma tarde inteira, observando a formação no céu que anunciava chuva, Ricardo tentou da melhor maneira possível arremessar as mochilas até a outra margem. Ambas caíram a poucos centímetros do riacho.

Ester desceu o barranco primeiro, segurando na mão de Richard. O contato com a água gelada a fez se arrepiar, mas pulou de primeira. Aquele ponto era fundo, e não conseguia sentir nada com os pés senão água. Flutuou por um tempo, deixando seu corpo relaxar, e a água anestesiou a dor do seu corte, diminuir sua temperatura. Sequer se preocupou com sua roupa molhada em face da falta do sol. Demorou para reparar que uma garoa começava a se

derramar, o que apressou Ricardo.

— Vamos, Ester. — Dizia ele, nadando à sua frente. Ela avançava pouco a pouco, como se tentasse se equilibrar dentro da água. A distância entre o nível da água e da terra da margem dava a impressão de que o local havia sido cavado, formando como um vale que se preencheria de água posteriormente, e não parecia natural. A parede de terra e rochas que se projetava dava ares de aprisionamento, claustrofobia.

Conforme os minutos iam se passando, parecia que não conseguia avançar os poucos metros. Ricardo voltou para ajudá-la a nadar mais rápido, e a garoa havia deixado de ser garoa e se tornara chuva.

— Vamos! — Ele gritava. Mas ela não respondia. Parecia inerte, hipnotizada pelo verde se desenhando nos arredores, o cinza do dia sem sol, a chuva molhando as partes de seu corpo que se projetavam para fora da água.

Ricardo virou para o outro lado, mas foi paralisado pelo som de passos se aproximando por entre as folhas. De onde estava, não conseguia ver as proximidades da margem, apenas daquela de onde haviam vindo. Puxou Ester e se direcionou para parede de terra, tentando ouvir.

Parou no meio do percurso, na água e tentou não se mover. Ela estava parada, estática, como se olhasse e não visse.

Detrás dela projetava-se uma nuvem de cabelos vermelho-laranja que de perto pareciam feito de fogo. Eles flutuavam ao redor de um rosto pálido sem olhos. Ela estava dentro da água, mas não parecia se molhar. Uma de suas mão se estendeu e tocou o ombro de Ester, que pareceu fechar os olhos e sucumbir. A boca da criatura se transfigurou, e a correnteza pareceu acompanhar seu grito estridente. A chuva ficou mais forte e barulhenta, e tudo parecia estar sendo arrastado pelas águas, exceto Ester, que afundou sem hesitar.

Ricardo parecia ouvir seus próprios batimentos por cima do grito, da chuva e do barulho da água, e mergulhou na direção de Ester, que parecia ter acordado de seu transe e lutava para voltar para a superfície, mas estava se afogando, incapaz de alcançar a superfície. Quanto mais ele nadava para próximo dela, mais ela parecia se afastar e ele conseguia ver sua face um desespero que parecia choro. Ela parecia gritar seu nome, e ele estava perdendo o fôlego. Ele nadou à superfície para respirar e voltou a mergulhar, alcançando, por fim, a mão dela.

Puxou-a para a margem e ao emergirem, não havia mais sinal da banshee, e a chuva forte havia voltado a um chuvisco que sequer conseguia passar

pelas folhas das árvores da mata ciliar. Ele a deitou numa porção de terra e pedras à beira da água, tentando acordá-la.

Ela estava gelada.

— Ester! — Gritava. Tentou empurrar seu abdome, seu tórax, virar seu corpo para o lado. Tentou soprar ar para dentro de seus pulmões e nada parecia surtir efeito. Ela expulsara água de sua boca, mas não conseguia fazê-la respirar.

Então ele gritou por socorro sem saber a quem, clamando a um deus que sequer tinha certeza se existia, mas se existisse que não o deixasse sozinho. Do outro lado da margem, a criatura de cabelos vermelhos e roupas brancas o observava, e sua boca não gritava — mas ria, um riso que fazia o interior de Ricardo sentir como se seus órgãos estivessem congelando.

— ME LEVA! DEIXA ELA E ME LEVA! — Ele gritava. Mas a criatura apenas ria, e seu riso ecoava pelas árvores, pelas águas e em sua mente. Ele pensou em se jogar nas águas, dar sua alma em troca da dela, mas a correnteza já estava fraca e o espírito havia desaparecido mais uma vez.

Ele arrastou o corpo inerte e frio de Ester pelo barranco, saindo do riacho. Pegou-a nos braços e a abraçou, chorando. Pediu perdão por não ter insistido mais em voltar, ou por não ter fugido sozinho. Quem sabe ela não tivesse que morrer, quem sabe fosse *ele*, e se ele estivesse sozinho naquele riacho ela teria pego *sua* alma, e não a dela. E ela estaria indo para casa, ou ascendendo uma fogueira na cabana na esperança de serem notados.

Voltou a pensar que nunca mais sairia daquele lugar.

Ele apenas olhou para outro lugar que não fosse o rosto sem vida de Ester ao ouvir novamente o som de passos. Não teve tempo de procurar sua mochila ou fazer qualquer coisa para se defender. Um grupo de cerca de oito pessoas com seus corpos pintados por tinta preta em listras e símbolos o cercava de todos os lados, deixando-o com a única opção de pular de volta ao rio.

Mas um dos homens do grupo se direcionou a eles, fazendo Ricardo recuar apressado, largando o corpo de Ester no chão e cambaleando para trás. Os indígenas ficaram em posição de defesa o apontando diversos tipos de armas — lanças, arcos e flechas e machados. O homem se debruçou sobre Ester e agarrou seu corpo.

Seu rosto exibia várias cicatrizes. Estava nu, exceto por uma pequena tanga de tecido que cobria sua virilha. Tinha os mesmos símbolos desenhados por todo seu corpo, apesar de ser branco. Não olhou para Ricardo. Estava

chorando também. Olhou para as águas do rio, onde ele acabara de ver a banshee, e depois de volta ao corpo da garota.

E gritou. Aos céus e a todos ao redor. Um grito fúnebre que fez os outros homens largarem suas posições e se ajoelharem em solidariedade. Gritou até esvaziar o ar de seus pulmões, e seu grito era como o da banshee. Enchia os ares, as águas, as árvores. E a palavra “filha” foi ouvida por toda a floresta.

EPÍLOGO

Jogaram o primeiro punhado de terra sobre o corpo gélido e nu de Ester, cautelosamente colocado em uma cama de flores silvestres em um buraco cavado à sombra de uma árvore que poderia estar ali desde o início dos tempos, com seu tronco imponente e seus galhos envelhecidos.

O primeiro foi o que doeu mais. Nada dói mais em um pai do que enterrar o próprio filho. Não pôde vê-la crescer. Quando deixou a cidade para investigar o caso do acampamento ela tinha seus nove anos, e agora no final de sua adolescência era como uma flor que terminara de desabrochar e já fora violentamente arrancada do chão. Jogar a flor às flores.

Ele chorou silenciosamente por ter escolhido ficar na mata, por ter sido medroso demais. Já não lembrava com clareza tudo que ocorrera naquele acampamento, mas sabia que se ele fugisse, ela o seguiria. O espírito que gritava e clamava, com seus cabelos de fogo, suas vestes brancas e seus olhos que não eram olhos.

Não sabia o que havia acontecido com a outra sobrevivente. Ela havia escapado da floresta, e ele escolhera ficar na aldeia que eles haviam encontrado. O lugar tinha um templo que cultuava a misteriosa deusa das águas e das almas. O espírito de fogo e névoa que habitava o lugar desde antes da própria existência. Alguns a referiam como sereia, pois não conseguiam ouvir o seu grito, que os soavam como ecos distantes. Esses ela conseguia fazer com que se jogassem nas águas turbulentas dos rios que logo após suas almas se esvaírem voltavam a acalmar. Alguns a referiam como demônio, mas apenas os que a referiam como deusa e se batizavam em nome dela é que conseguiam se salvar. Um deus não pode clamar a alma de seus súditos, e agora ele tinha um desenho malfeito de uma mulher em suas costas, com suas bordas feitas do relevo de sua própria pele, à faca quente. E nunca mais poderia deixar as matas ou o pacto seria quebrado e sua alma seria carregada pelo grito. Um grito tão alto e perturbador que ele faria de tudo para calá-lo. Havia relatado todo tipo de morte atribuída a ela.

Ele escolhera se curvar a ela para se manter vivo e isso havia custado sua filha, sua vida e seu todo. De certa forma, ela tinha sua alma. Enquanto atirava os punhados de terra na cova de Ester, ele admitia. Ela tinha sua alma e ele não havia conseguido enganá-la. Quando ela quer, ela consegue.

Mesmo assim, foi a escolha de Ricardo.
Ele escolhera se curvar a ela.

Despiu-se de todas as suas roupas em um círculo de homens e mulheres de todas as idades. Eles usavam apenas chumaços de palha como vestes e tinham seus olhos fechados. Mesmo assim, executavam todos os movimentos com perfeição. Ele foi deitado em uma pedra, e duas pessoas o seguraram no lugar enquanto uma terceira aqueceu uma faca e desenhou em suas costas o mesmo símbolo feito com as cicatrizes de todos os outros — sua deusa.

Ele sequer piscou. Manteve seus olhos abertos enquanto sua pele era rasgada e queimada e o sangue caía pelas laterais, indo se acumular de encontro à sua barriga. Ele também não respirava, e logo tudo passou. Foi carregado para o riacho para ser batizado nas águas que agora eram calmas, mas tinham levado Ester embora. Ele, também, havia fechado os olhos enquanto os outros murmuravam palavras em uma língua que não conheciam e faziam gestos com plantas queimando como incensos.

Por último, ele foi ungido com um óleo que tinha um cheiro tão característico que nunca mais saía de suas narinas. E era isso. Agora ele louvava a ela, e se curvava a seus pés com o medo que se cultiva de um deus, e para ele, fé era temer, e ele a temia. Não pela perspectiva de perder a vida, mas temia encontrá-la e lembrar de tudo que ele fizera, do que ele presenciara. Lembrar do quanto ela o havia feito perder tudo o que em si havia de humanidade, e havia deixado apenas um esboço do que um dia fora, uma besta não diferente dos animais da floresta.

Ao sétimo dia, parecia ver o ônibus se embreando aos solavancos pela estrada de terra, os jovens entrando e a comoção de saberem que eram apenas eles que haviam sobrevivido. Ninguém perguntaria por ele, ninguém procuraria por ele, e ele estava tão morto quanto o professor ou os jovens do acampamento ou Ester. Ele viveria para sempre lá, na aldeia entre o rio e a represa, escondidos de tudo e de nada. Invisíveis.

Para sempre sentiria falta da vida que um dia teve, da escola que odiava, de sua mãe. De quem era, de quem um dia fora.

E toda vez que ele olhava para a mata, podia ver de relance a nuvem de cabelos vermelhos.

AGRADECIMENTOS

Essa história não teria existido não fossem a paciência e habilidade em manejar minhas crises que somente a Ange tem. Seja para discutir o *plot* no telefone por horas, por ler capítulos enviados no meio da noite ou simplesmente para afirmar que eu deveria sim estar escrevendo. Todos temos os momentos de duvidar do que fazemos e é importante ter. Sem ela, essa história seria apenas mais um documento na lixeira do meu computador.

Agradeço infinitamente a Amanda, que me acompanha em absolutamente tudo o que faço, todas as loucuras e devaneios, e a Stephanie, por ter me incentivado tanto a concluir essa história. Vocês foram fundamentais para que isso saísse do papel, ou chegasse nele. Amo vocês, e espero revê-las logo.

Ainda, obrigado a Thaís, por ler, opinar, criticar e me acompanhar nessa história inteira, desde 2015.

Não sou bom em agradecer, mas espero ter feito o mínimo para lembrar de quem foi importante para tudo isso. É uma honra contar com vocês. Até breve.

O AUTOR



Francesco Procat é gaúcho, nascido em 2000.

Atualmente reside em Sinop – MT, onde cursa Medicina e escreve em seu tempo livre. É apaixonado por literatura e cinema desde criança, sobretudo gêneros como Suspense e Terror, tendo como inspiração nomes como Edgar Allan Poe e Alfred Hitchcock. Possui alguns escritos publicados em seu Instagram, Tumblr e tem alguns contos publicados pela Amazon, como *Noite*, [*Chuva*](#), [*O Vigário*](#) e *O Garoto do Circo*, além de seu livro, [*O Veneno da Borboleta*](#).

CONTATO

instagram.com/francescoprocat ([@francescoprocat](#))

email: francescoprocat@gmail.com

[Medium: Francesco Procat](#)